

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jacobi, Jolande
A psicologia de C.G. Jung : uma introdução às
obras completas / Jolande Jacobi ; com prólogo
de C.G. Jung; tradução de Enio Paulo
Giachini. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2013. -
Coleção Reflexões Junguianas)
Título original: Die Psychologie von C.G. Jung - eine Einführung in das
Gesamtwerk
Bibliografia
ISBN 978-85-326-4521-0
1. Psicanálise 2. Psicologia junguiana
I. Título II. Série.

12-15702


CDD-150.1954

Índices para catálogo sistemático:

1. Jung, Carl Gustav : Psicologia analítica
150.1954
2. Psicologia analítica junguiana 150.1954

Coleção Reflexões Junguianas

procedimento prático da análise psicológica, Jung emprega a expressão "psicologia analítica" para identificar sua teoria. Escolheu essa designação após ter-se afastado de Freud em 1913, a fim de evitar uma confusão com o termo "psicanálise", próprio da escola freudiana. Mais tarde cunhou o conceito da "psicologia dos complexos", que empregava sempre que apareciam no plano de frente pontos de vista relativos a princípios e à teoria; com esse conceito queria destacar que, em contraposição com outras teorias psicológicas (por exemplo, a psicologia da mera consciência ou a psicanálise de Freud, que reduz tudo a elementos de pulsões), sua teoria ocupava-se com fatos psíquicos complexos, ou extremamente complicados. Nos últimos anos a identificação de "psicologia dos complexos" foi passando cada vez mais para o plano de fundo, porque, sobretudo em sua tradução para outras línguas, deu vazão para equívocos. Atualmente, tanto no aspecto teórico quanto prático, emprega-se de modo geral o termo "psicologia analítica" para designar a totalidade da teoria de Jung.

1  Essência e estrutura da psique

Consciência e inconsciente

Por psique Jung não compreende apenas aquilo que em geral identificamos com a palavra "alma", mas a totalidade de todos os processos psíquicos, tanto os conscientes quanto os inconscientes. Portanto, algo mais abrangente, mais amplo que a alma, que para ele representa apenas um determinado "complexo funcional limitado"¹. A psique consiste de duas es-

1. Para evitar uma confusão proveniente do uso da linguagem espontânea do dia a dia, que emprega as expressões "alma", "espírito", "intelecto" ora num sentido estrito, ora num sentido mais amplo, impedindo a compreensão do difícil âmbito do pensamento psicológico, esforcei-me por delimitar cada uma delas num âmbito de significado determinado e de contornos bem-definidos, empregando-as na medida do possível exclusivamente nesse sentido. - Sob o conceito "alma, que na terminologia junguiana recebe um significado específico, deve-se compreender aqui determinado complexo funcional delimitado, cuja melhor forma de caracterização seria como uma espécie de "personalidade interior", como o "sujeito", frente ao qual a consciência do eu do indivíduo tem uma relação igual ao objeto exterior. Na definição de Jung, significa "o sujeito apreendido como objeto 'interior', mas é, porém, o inconsciente [...]. A 'personalidade interior' é o modo como alguém se comporta para com os processos psíquicos interiores; é a atitude (*Einstellung*) interior, o caráter com o qual se volta ao inconsciente. Eu identifico essa atitude interior [...] como alma. A mesma autonomia que se atribui tão usualmente à atitude exterior é reivindicada também para a atitude interior, a alma [...] ela costuma conter,

feras que se complementam, mas duas esferas que se contra-
põem em suas propriedades: a *consciência* e o assim chamado
*inconsciente*². Nosso eu tem participação nos dois âmbitos.

O seguinte *diagrama*³ representa esse eu que está *entre*
as duas esferas, que não só se completam mutuamente, mas

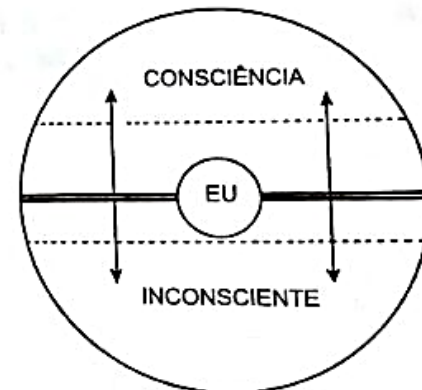
de acordo com a experiência, todas aquelas propriedades humanas gerais que
faltam à atitude consciente" (*Tipos psicológicos* (1921). OC 6, § 803, 805,
806). Aqui deve-se compreender por "intelecto" a força racional de pensar e
compreender que está à disposição da consciência, a parte puramente racio-
nal do indivíduo; mas por "espírito" deve-se compreender uma capacidade
igualmente pertencente ao âmbito da consciência, mas também atrelada na-
turalmente ao inconsciente, que leva, em primeira linha, ao desempenho do
indivíduo, desempenho estético-criativo e religioso-moral, voltado à questão
do sentido, em forma de visões clarividentes (*Einsichten*) e manifestações,
que podem dar certa conotação também aos seus atos de pensamento e de
juízo, assim como a seu comportamento emocional. "Espírito", nesse
sentido, contém tanto o intelecto quanto também a alma numa "elevação"
e ligação de ambos referida ao sentido; como princípio formador, forma o
polo contraposto à natureza biológica pulsional informada do ser humano,
mantendo assim desperta aquela constante tensão de contraposição sobre a
qual repousa nossa vida psíquica. Com esses três conceitos foram compre-
endidos sempre "sistemas parciais" da totalidade psíquica; mas, ao contrário,
onde estão em questão todos os aspectos desse todo, portanto um todo que
abarca ao mesmo tempo o lado consciente e também o lado inconsciente, ali
empregou-se sempre a expressão "psique" ou "psíquico".

2. A primeira pesquisa científica sistemática sobre as manifestações do in-
consciente é mérito perene de S. Freud (1856-1939), que pode ser visto
como o fundador da moderna psicologia profunda.

3. Esse diagrama - naturalmente como é o caso dos próximos - representa
um constructo auxiliar. Exorta-se o leitor para não tomar esse diagrama de
forma demasiadamente literal, vendo nele mais do que, de certo modo, uma
tentativa insuficiente de evidenciar certas relações funcionais bastante com-
plexas e abstratas. Usa-se o círculo para expressar um relativo fechamento,
inteireza da psique singular. A inteireza foi simbolizada desde antigamente
como círculo, globo. Na filosofia neoplatônica a alma tinha uma relação
expressa com a figura de um globo. Cf. tb. a figura redonda do homem ori-
ginário platônico ("Símbolos oníricos do processo de individuação" (1936).
OC 12, § 109 e nota 41.

que se comportam uma para com a outra complementarmen-
te ou compensatoriamente⁴. Ou seja: a linha divisória que
separa as duas esferas uma da outra em nosso eu pode deslo-
car-se para as duas direções, como vem indicado na ilustração
por meio das setas e das linhas pontilhadas. Pensar que o eu
se encontra precisamente no centro é naturalmente apenas
uma representação como recurso e uma abstração. Da possi-
bilidade de deslocamento se depreende que, quanto menor a
parte superior, tanto mais estreita é a consciência e vice-versa.

Diagrama I



Se considerarmos a relação dessas duas esferas entre
si, vemos que nossa consciência perfaz apenas uma mínima
parte do todo da psique. A história da humanidade nos ensi-
nou que representa um produto da diferenciação tardia. Está
como que nadando como uma pequena ilha sobre o ilimitado
mar do inconsciente, mar imensurável e que abarca o mundo

4. Cf. p. 83s.

inteiro⁵. O *diagrama II* ilustra o pequeno ponto escuro no
centro de nosso eu. Rodeado e sustentado pela consciência,
representa aquele lado da psique, principalmente em nossa
cultura ocidental, pensado sobretudo como a adequação à
realidade exterior. "Por eu, compreendo um complexo de re-
presentações que perfaz em mim o centro do campo da minha
consciência e que parece ser de alta continuidade e identida-
de consigo mesmo"⁶, afirma Jung; ele chama o eu também
de "sujeito da consciência"⁷. Todavia, ele define a consciência
como "a função ou atividade que mantém a relação dos con-
teúdos psíquicos com o eu"⁸.

Toda nossa experiência do mundo externo ou interno
tem de passar necessariamente por nosso eu para poder ser

5. *Psicologia e religião* (1940). OC 11/1, § 141.

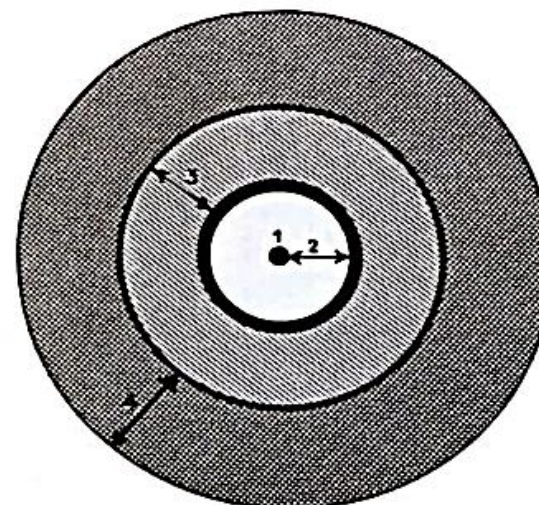
6. *Tipos psicológicos*. OC 6, § 730.

7. Id. Atualmente foram lançadas diversas hipóteses sobre o desenvolvimento
do eu, alunos do círculo de Jung (Fordham em Londres, Neumann em Isra-
el), ainda, porém, insatisfatórias. Podemos considerar como uma das melho-
res hipóteses, melhor fundamentadas quanto à ciência experimental, mesmo
que não leve em consideração o ponto de vista da psicologia profunda, a
proposta de J. Piaget, registrada em inúmeras de suas obras. De qualquer
modo, a concepção de Jung continua sendo ainda sempre fundamental, mes-
mo para Jung.

No uso cotidiano da linguagem é comum confundir "consciência" com "pen-
samento", embora isso seja impreciso; uma vez que há uma consciência
do sentimento, da vontade, do medo, assim como de todas as outras mani-
festações da vida. Tampouco se pode equiparar o significado e empregar
o conceito "vida" com "consciência", coisa que infelizmente acontece com
frequência, visto que, por exemplo, numa pessoa que dorme ou desmaiada
ainda há vida, mas não mais há consciência. Há diversos graus de consci-
ência. "Perceber" algo é um ato de consciência, que, porém, não processa o
que percebeu, ou seja, como que permanece "passivo" frente ao ato de um
procedimento consciente, que toma posição, que compreende, que processa.

8. Op. cit., § 687.

Diagrama II

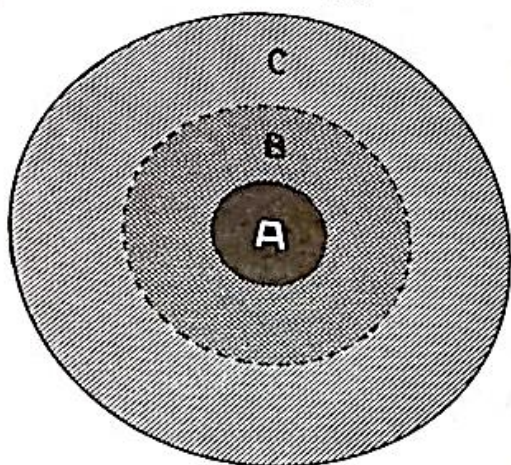


- 1 = Eu
- 2 = O âmbito da consciência
- 3 = O âmbito do inconsciente pessoal
- 4 = O âmbito do inconsciente coletivo

percebida. Isso porque, "as relações com o eu, enquanto não
são sentidas como tais por este, são inconscientes"⁹. O próxi-
mo círculo mostra como a esfera da consciência está envolta
por conteúdos que se encontram no âmbito do inconsciente.
Aqui estão os conteúdos que são recalcados - uma vez que
nossa consciência só pode apreender bem poucos conteúdos
ao mesmo tempo -, mas que podem subir à consciência a
qualquer momento; lá estão aqueles que reprimimos, porque
nos são desagradáveis por diversos motivos; portanto, "todo

9. Ibid.

Diagrama III



A = Aquela parte do inconsciente coletivo que jamais poderá ser elevada à consciência
 B = O âmbito do inconsciente coletivo
 C = O âmbito do inconsciente pessoal

tipo de conteúdos esquecidos, reprimidos, mas também percebidos subliminarmente, pensados e sentidos¹⁰. Jung chama a esse âmbito de "inconsciente pessoal"¹¹, para distingui-lo daquele "inconsciente coletivo", como vem ilustrado no dia-

10. Ibid., § 842.

11. Ibid., § 642. Aos conteúdos que podem ser trazidos à consciência a qualquer momento, Freud chamou de "pré-consciente", e de "consciente" apenas àqueles conteúdos reprimidos, ou seja, que não podem se tornar conscientes sem uma técnica específica. Jung engloba esses dois tipos de conteúdo no âmbito do "inconsciente pessoal".

grama III¹². Isso porque essa parte coletiva do inconsciente não abarca apenas conteúdos específicos de nosso eu individual ou provenientes de aquisição pessoal, mas "das possibilidades herdadas do funcionamento psíquico como tal, a saber, da estrutura do cérebro herdada"¹³. Esse patrimônio herdado provém do humano em geral, ou até, quem sabe, do animalesco em geral, formando a base fundamental de todo psíquico individual.

"O inconsciente é mais antigo que a consciência. É o que 'é dado originariamente', a partir de onde se destaca a cons-

12. Nos diagramas, o eu ou o inconsciente coletivo ocupa o centro, dependendo do ponto de partida da consideração. Quando falamos de "âmbitos" ou de "camadas" do inconsciente, ou procuramos visualizá-los em figuras, estamos atribuindo, de certo modo, um ver próprio da história da evolução a um ver espacial, e através de uma "tipologia" tentamos facilitar a orientação na inteireza do sistema psíquico, altamente complexo, buscando com isso propor nada mais que um método de trabalho.

13. *Tipos psicológicos*. OC 6, § 841. A palavra "estrutura cerebral", empregada por Jung aqui, com a qual talvez esperássemos a descrição da estrutura psíquica, tem de ser compreendida corretamente. Deve ser um indicativo do nexa conjuntural biológico. Uma vez que a psique, como se apresenta, ou seja, como é por nós experimentada, está inalienavelmente ligada com nosso ser corpóreo. Mas, de modo algum, isso significa uma "dependência" biológica. "O psíquico merece ser tomado como um fenômeno em si, pois não há qualquer razão para considerá-lo como um mero epifenômeno, muito embora esteja ligado com a função do cérebro; assim como tampouco se pode conceber a vida como um epifenômeno da química carbônica (*A energia psíquica* (1928). OC 8/1, § 10). Jung diz ainda: "é bem verdade que podemos constatar com suficiente segurança que uma consciência individual chega ao fim em relação a nós na morte. Todavia é questionável se, com isso, interrompe-se também a continuidade dos processos psíquicos, uma vez que hoje pode-se afirmar com muito menos certeza do que há 50 anos sobre a ligação da psique com o cérebro" (*A alma e a morte* (1934). OC 8/3, § 812). - Ao contrário, mostra-se que a psique não está presa ao âmbito espaço-temporal. Todo inconsciente se manifesta de tal modo como se estivesse fora do espaço e do tempo.

ciência"¹⁴. Assim, a consciência edifica-se apenas "secundariamente sobre a verdadeira atividade anímica, que é um funcionar do inconsciente"¹⁵. A opinião de que a principal postura humana seria a consciência é uma falácia, pois "passamos grande parte de nossa vida no inconsciente: nós dormimos ou cochilamos. [...] É indiscutível que a consciência depende do inconsciente em todas as situações importantes da vida"¹⁶. As crianças começam sua vida num estado inconsciente, crescendo para dentro do estado consciente.

Enquanto o assim chamado inconsciente pessoal abarca conteúdos provenientes da história de vida do indivíduo, isto é, conteúdos recalçados, esquecidos, apreendidos subliminarmente etc., o inconsciente coletivo é constituído de conteúdos que representam o depósito dos modos de reação típica da humanidade desde os primórdios - sem levar em consideração diferenciações históricas, étnicas ou outras diferenças - em situações gerais da natureza humana, portanto, em situações de medo, perigo, luta contra poderes superiores, a relação com os sexos, relação dos filhos com os pais, figuras do pai e da mãe, posturas de ódio e de amor, nascimento e morte, o poder do princípio claro e do escuro etc.

Uma capacidade decisiva do inconsciente é, pois, propiciar um comportamento compensatório, contrapondo uma

14. *Kindertraumseminar 1938/1939* (impressão particular). Numa versão retrabalhada em sua redação, em: Lorenz Jung; Maria Meyer-Grass (orgs.). *Kinderträume*. Freiburg im Breisgau: Olten, 1987, p. 21. (Na medida em que a literalidade se mantenha a mesma, a seguir citado como: *Kinderträume 1938/1939*, em caso contrário, na versão original como *Kindertraumseminar 1938/1939* (impressão privada), sem indicação de páginas.

15. Ibid. p. 116.

16. Ibid. p. 21; 117.

reação típica - proveniente da experiência da humanidade, e correspondendo ao modo usual de comportamento e às necessidades do interior - à consciência, que, via de regra, gera uma reação individual e adequada ao exterior, diante da respectiva situação, e assim possibilita ao ser humano uma postura adequada e em conformidade com a totalidade psíquica.

As funções da consciência

Antes de adentrarmos na explanação mais detalhada do inconsciente é preciso que abordemos com mais precisão a psicologia e a estrutura da consciência. O diagrama IV serve de ilustração para isso¹⁷. O círculo simboliza novamente a totalidade psíquica¹⁸; desenhadas nas quatro direções celestes estão as quatro funções principais, presentes em todo indivíduo como uma disposição: o pensamento, a intuição, o sentimento (*Fühlen*), a sensação (*Empfinden*)¹⁹.

17. Observe-se que, por causa da simplicidade, em todos os diagramas toma-se como modelo o tipo pensamento - a saber, aquele tipo que lida com a apreensão dos conteúdos do mundo exterior e interior preferentemente através do pensamento, do conhecimento e de nexos conceituais. Mas com a transferência correspondente das funções poderia ser tomado também qualquer outro tipo.

18. Com o conceito da totalidade, em Jung, expressa-se mais do que unidade ou inteireza. Compreende uma espécie de integração em si, uma unificação das partes, uma síntese criativa, que coexpressa algo ativo-espiritual. Uma inteireza a ser pensada junto com o conceito do "sistema-que-regula-a-si-mesmo" (cf. p. 89-92).

19. Não se deve confundir entre si sensação (*Empfinden*) e sentimento (*Fühlen*), como é usual, infelizmente no uso da língua alemã. Em francês, por exemplo, essa distinção aparece claramente, como se tem em mente aqui, através dos dois conceitos distintos *sentiment* e *sensation*.

ciência"¹⁴. Assim, a consciência edifica-se apenas "secundariamente sobre a verdadeira atividade anímica, que é um funcionar do inconsciente"¹⁵. A opinião de que a principal postura humana seria a consciência é uma falácia, pois "passamos a grande parte de nossa vida no inconsciente: nós dormimos ou cochilamos. [...] É indiscutível que a consciência depende do inconsciente em todas as situações importantes da vida"¹⁶. As crianças começam sua vida num estado inconsciente, crescendo para dentro do estado consciente.

Enquanto o assim chamado inconsciente pessoal abarca conteúdos provenientes da história de vida do indivíduo, isto é, conteúdos recalçados, esquecidos, apreendidos subliminamente etc., o inconsciente coletivo é constituído de conteúdos que representam o depósito dos modos de reação típica da humanidade desde os primórdios - sem levar em consideração diferenciações históricas, étnicas ou outras diferenças - em situações gerais da natureza humana, portanto, em situações de medo, perigo, luta contra poderes superiores, a relação com os sexos, relação dos filhos com os pais, figuras do pai e da mãe, posturas de ódio e de amor, nascimento e morte, o poder do princípio claro e do escuro etc.

Uma capacidade decisiva do inconsciente é, pois, propiciar um comportamento compensatório, contrapondo uma

14. *Kindertraumseminar 1938/1939* (impressão particular). Numa versão retrabalhada em sua redação, em: Lorenz Jung; Maria Meyer-Grass (orgs.), *Kinderträume*. Freiburg im Breisgau: Olten, 1987, p. 21. (Na medida em que a literalidade se mantenha a mesma, a seguir citado como: *Kinderträume 1938/1939*, em caso contrário, na versão original como *Kindertraumseminar 1938/1939* (impressão privada), sem indicação de páginas.

15. *Ibid.* p. 116.

16. *Ibid.* p. 21; 117.

reação típica - proveniente da experiência da humanidade, e correspondendo ao modo usual de comportamento e às necessidades do interior - à consciência, que, via de regra, gera uma reação individual e adequada ao exterior, diante da respectiva situação, e assim possibilita ao ser humano uma postura adequada e em conformidade com a totalidade psíquica.

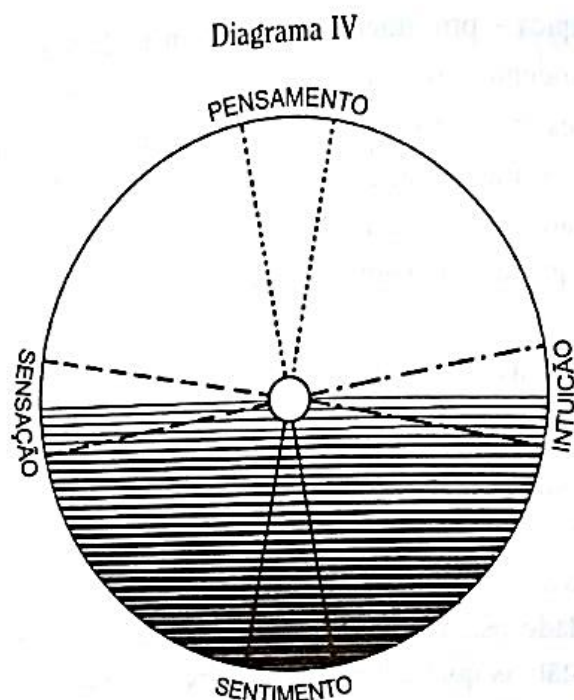
As funções da consciência

Antes de adentrarmos na explanação mais detalhada do inconsciente é preciso que abordemos com mais precisão a psicologia e a estrutura da consciência. O diagrama IV serve de ilustração para isso¹⁷. O círculo simboliza novamente a totalidade psíquica¹⁸; desenhadas nas quatro direções celestes estão as quatro funções principais, presentes em todo indivíduo como uma disposição: o pensamento, a intuição, o sentimento (*Fühlen*), a sensação (*Empfinden*)¹⁹.

17. Observe-se que, por causa da simplicidade, em todos os diagramas toma-se como modelo o tipo pensamento - a saber, aquele tipo que lida com a apreensão dos conteúdos do mundo exterior e interior preferentemente através do pensamento, do conhecimento e de nexos conceituais. Mas com a transferência correspondente das funções poderia ser tomado também qualquer outro tipo.

18. Com o conceito da totalidade, em Jung, expressa-se mais do que unidade ou inteireza. Compreende uma espécie de integração em si, uma unificação das partes, uma síntese criativa, que coexpressa algo ativo-espiritual. Uma inteireza a ser pensada junto com o conceito do "sistema-que-regula-a-si-mesmo" (cf. p. 89-92).

19. Não se deve confundir entre si sensação (*Empfinden*) e sentimento (*Fühlen*), como é usual, infelizmente no uso da língua alemã. Em francês, por exemplo, essa distinção aparece claramente, como se tem em mente aqui, através dos dois conceitos distintos *sentiment* e *sensation*.



Por função psíquica Jung compreende certa "atividade psíquica, que se mantém inalterável sob diversas circunstâncias, sendo totalmente independente dos respectivos conteúdos"²⁰. Não é decisivo, portanto, o que, por exemplo, se pensa, mas que usamos a função do pensamento, e não, por exemplo, a função da intuição, para absorver e processar os conteúdos que se nos apresentam de fora ou de dentro. Trata-se, aqui, de princípio, de um modo de apreensão e de processamento de dados-acontecimentos psíquicos, sem levar em consideração seu respectivo conteúdo. Por isso, o pensamento é uma função que busca chegar à compreensão dos acontecimentos do mundo e adequar-se para com os mesmos a partir de um trabalho do pensar, portanto, do conhecimento - ou seja, por

20. *Tipos psicológicos*. OC 6, § 727.

meio de nexos conceituais e deduções lógicas. O contrário disso é visto como a função do sentimento, com base numa avaliação feita através dos conceitos "agradável ou desagradável, ou ainda, aceitar ou recusar". As duas funções são designadas de racionais, visto que as duas trabalham com avaliações: o pensamento avalia através da mediação do conhecimento, a partir do ponto de vista de "verdadeiro-falso", o sentimento, através da mediação das emoções, a partir do ponto de vista do "prazer-desprazer". Essas duas posturas fundamentais excluem-se mutuamente como modos de comportamento simultâneos. Não é preciso maiores indicações para compreender, por exemplo, que o que identifica um "político-sentimento" é precisamente o fato de ele tomar suas decisões baseado no sentimento e não em seus conhecimentos.

As duas outras funções, sensação e intuição, Jung chama de funções irracionais, uma vez que no trato com a *ratio* não lidam com juízos, mas com meras percepções sem avaliação ou atribuição de sentido. A sensação percebe as coisas assim como são e não de outro modo. É o sentido por excelência da realidade, aquilo que os franceses identificam como *fonction du réel*. A intuição percebe igualmente de forma "verdadeira", no entanto menos através do aparelho consciente dos sentidos do que através da capacidade de uma "percepção interior" inconsciente das possibilidades presentes nas coisas. O tipo sensação, por exemplo, irá perceber um dado histórico em todas as suas particularidades, todavia não irá dar-se conta dos nexos conjunturais nos quais está fundamentado; o intuitivo, ao contrário, passa ao largo sem perceber as particularidades, mas percebe sem dificuldade de imediato o sentido interno do acontecimento, seus possíveis nexos e efeitos. Ou outro exemplo: frente a uma bela paisagem florida

de primavera, o tipo sensação contempla e percebe as flores, as árvores, as cores do céu etc., em todas as suas particularidades, mas o intuitivo, ao contrário, percebe simplesmente o humor geral do ambiente e o colorido do conjunto. Fica claro com isso que esse par de funções se encontra em contraposição mútua, ou que elas se excluem mutuamente, ou seja, não podem ser empregadas ao mesmo tempo como o pensamento e o sentimento.

Essa relação de exclusão corresponde aos fatos, ou seja, à observação (deve-se acentuar aqui também: Jung é acima de tudo um empírico), mas é igualmente um resultado de pesquisa da teoria de Jung extraída da experiência. Isso fica claro quando se reflete, por exemplo, que as duas posturas fundamentais do pensamento e do sentimento, na medida em que são "avaliativas", já no sentido dessa definição, não mensuram ao mesmo tempo o mesmo, na mesma perspectiva com essas duas medidas.

Muito embora o ser humano possua, como disposição potencial, todas as quatro funções, que lhe possibilitam a "orientação no presente tão plenamente como as informações geográficas de localização de latitude e longitude"²¹, do ponto de vista da experiência, é sobretudo uma dessas funções que lhe serve de orientação, com a qual apreende e processa para adequar-se à realidade. Essa função - é bem provável que seja a disposição natural que decida aqui qual seria - em geral é a que mais se desenvolve e se diferencia, "torna-se a função de adaptação dominante, dando direção e qualidade à postura consciente"²² e está constantemente à disposição da vontade

21. Ibid., § 958.

22. WOLFF, T. *Studien zu C.G. Jungs Psychologie*. Ed. por C.A. Meier. Zurique: Rhein, 1959, p. 92 [A seguir abreviado por WOLFF, T. *Studien*].

consciente do indivíduo. Por isso, também, é chamada de *função superior* ou mais diferenciada, determinando o tipo do indivíduo. O tipo psicológico designa portanto um *hábito geral*, que pode naturalmente se manifestar dentro do tipológico em todas as variações do individual - dependendo do nível social, espiritual ou cultural. É por assim dizer "a armação ou o esqueleto que julga previamente e modifica a postura específica frente ao material dos conteúdos da vivência"²³.

No *diagrama IV*, precedente, a metade superior é ilustrada como clara, a inferior como escura, assim como as quatro funções em sua relação correspondente. Com isso deve-se explicitar a esfera de atuação de nosso aparelho de funcionamento psíquico, de tal modo que a função superior se encontra plenamente em nossa parte clara da consciência, e a função contraposta a ela, que queremos chamar de *função inferior* ou *secundária*, encontra-se totalmente no inconsciente, e as duas restantes ficam em parte na consciência e em parte no inconsciente²⁴. Do ponto de vista prático, isso serve para indicar que, na maioria das vezes, ao lado de sua função principal, o ser humano se serve ainda de uma segunda função, uma *função auxiliar* ou de ajuda, relativamente menos diferenciada e direcionada. Para o ser humano mediano, a terceira função é usada ainda mais raramente, e a quarta, a inferior, porém, na maioria das vezes já não mais está à disposição de sua vontade. Mas isso tudo se aplica apenas para o ser humano com desenvolvimento natural, com uma psique

23. WOLFF, T. *Studien*, p. 86.

24. Esse tipo de representação deve ser visto mais como um "modelo" teórico do que como algo correspondente à realidade, uma vez que o estágio de desenvolvimento das funções, por assim dizer, jamais pode ser encontrado dado em tal forma extremamente unilateral.

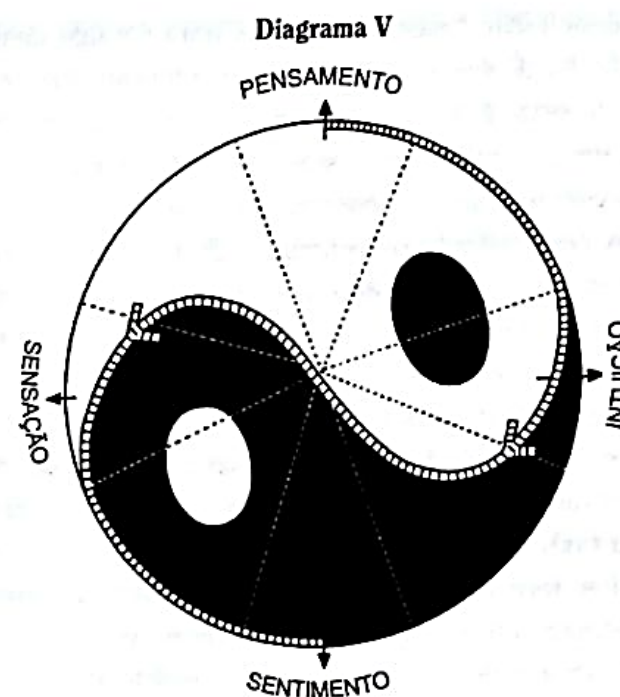
relativamente "sadia"; em pessoas com uma psique "perturbada", como por exemplo no neurótico, a situação é diversa. Nele, por exemplo, o desenvolvimento da função principal pode ter sido reprimida, ou então uma função que, segundo a disposição natural, deveria vir em segundo ou terceiro lugar, através de coação e adestramento pode ocupar o plano de frente, ocupando assim o lugar da função principal. Também a idade representa um fator decisivo na avaliação do correspondente grau de desenvolvimento de uma função, e no geral é na meia-idade a época em que todas elas deveriam alcançar o grau sequencial e a amplitude de diferenciação corretos (mas esse ponto no tempo pode depender e variar bastante de um indivíduo para outro).

Encontramos uma excelente analogia, não casual, para o percurso do valor e do direcionamento das funções no símbolo chinês do Taijitu, reproduzido no *diagrama IV*.

Também aqui o caminho não segue ao longo da periferia, mas sobre a linha interna, portanto, bem no sentido da relação das funções, como foi descrito anteriormente²⁵. Esse símbolo Taijitu é um dos símbolos originários contemplados pela humanidade. Representa a dualidade de luz e trevas, masculino e feminino, como unidade, como totalidade; "com ele se coloca ao mesmo tempo acima e abaixo, direito e esquerdo, frente e atrás - resumindo, o mundo dos contrários"²⁶. O curso da seta, o caminho, não segue como se poderia admitir em forma de cruz, mas de cima para a direita (sendo que esses dois recortes circulares do claro poderiam referir simbolicamente o pai e o

25. O curso do processo de diferenciação é indicado no diagrama através da linha sinuosa pontilhada, e sua direção é indicada através da seta.

26. I GING. *Buch der Wandlungen, aus dem Chinesischen verdeutscht und erläutert von Richard Wilhelm*. Jena: Diederichs, 1924, p. VIII.



filho), depois para a esquerda, onde já se mistura mais escuro (como símbolo da filha), e por fim, em quarto lugar, totalmente dentro do escuro do seio materno, da função que jaz do inconsciente, o que concorda também com as constatações da psicologia das funções. As funções diferenciada e auxiliar são conscientes e direcionadas, e são representadas personificadas nos sonhos, muitas vezes, através de pai e filho ou outras figuras que formam o princípio-guia mais evidente da consciência, e as duas outras funções são relativa e totalmente inconscientes, e são representadas personificadas, segundo a mesma regra, como pai e filho, muitas vezes através de mãe e filha. Mas, uma vez que a contraposição entre as funções auxiliares não é tão grande quanto aquela entre função diferenciada e inferior, também a terceira função pode ser elevada à consciência,

tornando-se assim "masculina"²⁷. Mas trará consigo também alguma coisa de sua contaminação com a função inferior, formando desse modo certa intermediação com o inconsciente. A quarta função, totalmente misturada com o inconsciente, tão logo as circunstâncias a elevam para a luz da consciência, traz consigo perfeitamente os conteúdos do inconsciente, como que irrompe para dentro do campo da consciência, com seus conteúdos indiferenciados, provocando assim um encontro e confronto com esses, e desse modo possibilitando fazer uma síntese entre conteúdos conscientes e inconscientes²⁸.

A razão por que Jung assinala essas quatro funções como funções fundamentais, para isso "não é possível fornecer nenhuma razão *a priori*, mas apenas destacar que essa concepção foi se formando no decurso da experiência dos anos"²⁹. Ele distingue essas quatro funções entre si, "porque elas não podem ser referidas mutuamente, não podem ser reduzidas respectivamente"³⁰, e, segundo sua experiência, "esgotam todas as alternativas possíveis"³¹. Desde os tempos primitivos, o

27. Na iconografia simbólica, em geral, o claro representa o masculino e o escuro o feminino.

28. Esse exemplo refere-se em primeiro plano à psique do varão, no qual as partes inconscientes da psique trazem traços femininos. Numa correspondente simbolização das características funcionais da psique da mulher, a terceira e a quarta função teriam traços masculinos, mas em função de sua pertença ao âmbito inconsciente seriam, apesar disso, "escuras", e portanto já não mais corresponderiam à iconografia simbólica.

29. *Tipos psicológicos*. OC 6, § 727.

30. *Ibid.*

31. A *vontade*, vista por muitos psicólogos igualmente como uma função fundamental, na concepção de Jung não é considerada como tal, mas é atribuída a todas as quatro funções básicas na forma de energia psíquica livre e disponível, que pode ser "direcionada" através da intervenção da consciência, ou seja, pode receber um direcionamento intencional. Assim, a dimen-

A mínima parte das pessoas tem clareza sobre sua pertença a um outro tipo de função, muito embora seja geralmente fácil para eles "reconhecer se e qual função é diferenciada, através de sua fortaleza, inabalabilidade, coerência, confiança e adequabilidade"³³. O critério essencial da função inferior, ao contrário, é sua falta de confiança no uso, sua volubilidade à influência, sua grosseria, seu caráter turvo³⁴, usando as palavras de Jung: "Não é a *gente que a tem* na mão, mas alguém *a tem*". Atua de forma autônoma, a partir do inconsciente, *quando acha adequado*. E uma vez que está totalmente indiferenciada e misturada com o inconsciente, possui um caráter infantil, instintivo-primitivo, arcaico. É por isso que somos surpreendidos tão comumente com ações totalmente marcadas pelo estado de humor, primitivas e pulsionais, mesmo em pessoas cujas ações não nos parecem adequadas com o ser que conhecemos.

Esses quatro tipos de funções, que podem ser constatados no indivíduo através da respectiva predominância de uma ou de outra função, têm validade dessa forma apenas na teoria. Na vida, quase jamais aparecem de forma pura, mas apenas mais ou menos como tipos misturados, como vem indicado no *diagrama VI*. Um tipo de puro pensamento era, por exemplo, Kant, contra quem Schopenhauer deve ser identificado como tipo pensamento intuitivo. As funções, mas apenas as "que se avizinham", podem aparecer portanto muitas vezes em formas mistas, e quando aparecem assim em tipos misturados com maior ou menor predominância de uma função, dificultam ex-

33. "Tipologia psicológica" (1928). OC 6, § 956. Muitas vezes é possível deduzir a função inferior a partir do caráter das pessoas que aparecem nos sonhos e do modo como aparecem.

34. *cf. op. cit.*

quatro serve para expressar a inteireza, a plenitude, a totalidade: cf. os quatro campos do sistema usual de coordenadas, os quatro braços da cruz, as quatro direções celestes etc.

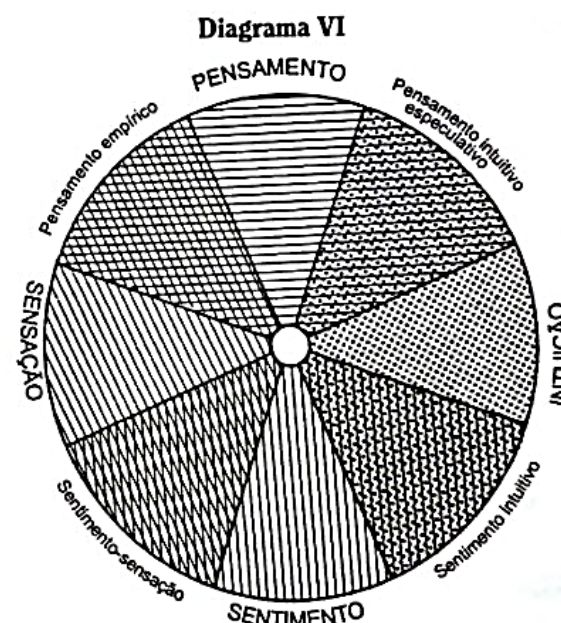
Se todas as quatro funções pudessem ser elevadas à consciência, todo círculo estaria na luz, e então poderíamos falar de um homem "redondo", ou seja, "completo". De qualquer modo, do ponto de vista puramente teórico, isso é pensável. Mas, na realidade prática, isso só pode ser alcançado de forma aproximativa, *jamaís de forma plena*. Uma vez que a nenhum ser humano é concedido poder clarificar em si toda escuridão; se ele fosse capaz disso, significa que ele seria capaz também de eliminar até o último "resíduo terreno".

Por causa de exclusões mútuas das funções, não é possível adotar ao mesmo tempo diversas posturas fundamentais, todavia, pela via da conscientização, o ser humano consegue ir diferenciando-as uma após a outra até certo grau, e pelo menos aproximar-se do "ser redondo". Se, uma vez, tivermos plenamente à disposição a função principal assim como as funções paralelas em alto grau, sabendo pelo menos que espécie de função é a quarta, a função inferior, quando e como pode alcançar o plano de frente - coisa que pertence à meta ideal de toda análise -, então pode-se primeiramente apreender um objeto, por exemplo conhecendo-o, depois "sondar" com a intuição suas possibilidades internas ocultas; em seguida, com a sensação, por assim dizer, de tateá-lo, e, então, por fim - se o sentimento for a função inferior -, avaliá-lo na medida do possível segundo seu ser agradável ou desagradável³².

são e a força da assim chamada força de vontade estão estreitamente ligadas com o grau de desenvolvimento e a amplitude do campo da consciência.

32. Tanto aqui quanto no restante dos diagramas a sequência pressupõe o pensamento como a função diferenciada.

tremamente a classificação do indivíduo num tipo de função. Os dois pares contrapostos - os dois eixos: Pensamento-sentimento e sensação-intuição -, segundo sua posição, jamais poderão misturar-se, mas em cada caso irão relacionar-se mutuamente sempre de maneira compensatória. Acentuando demasiadamente uma função, portanto, quanto uma pessoa usa apenas seu intelecto - só para citar um exemplo - a função contraposta, o sentimento, por si mesmo trabalhará para o equilíbrio e então naturalmente irá manifestar-se em sua forma inferior. Então, de forma totalmente inesperada, como que vindo de trás, será assaltado por manifestações de sentimento totalmente infantis; vê-se inundado por sonhos e fantasias puramente instintivas, aos quais se vê entregue. Algo semelhante acontece ao unilateralmente intuitivo, ao qual sua função-sentimento negligenciada o força a considerar a dura realidade através de golpes muitas vezes incompreensíveis.



Como já foi mencionado, o comportamento complementar ou compensatório³⁵ das funções contrapostas entre si representa uma lei imanente da estrutura da psique.

A superdiferenciação da função superior, quase compulsória, que se dá com o correr dos anos, quase sempre ocasiona tensões, que pertencem a problemas próprios da segunda metade da vida e cujo trabalho de equilíbrio representa uma das principais tarefas desse período. Essa superdiferenciação leva sobretudo a uma perturbação do equilíbrio que, como já foi brevemente mencionado acima, já pode trazer em si danos profundos.

Os tipos de atitudes

A pertença a um tipo de função já seria, em si, um índice para caracterizar psicologicamente uma pessoa. Mas só isso não basta. Além disso, é preciso definir ainda sua atitude geral, ou seja, o modo de reação da pessoa frente àquilo que lhe vem ao encontro a partir de fora ou de dentro. Jung distingue dois tipos dessas atitudes: *Extroversão* e *introversão*. Indicam um comportamento que condiciona essencialmente a integralidade do processo psíquico, a saber, o *hábito de reação* em relação aos objetos do mundo exterior e do interior, pelo qual se determina o modo de agir, o modo da experiência subjetiva e até o modo de compensação através do inconsciente. Jung chama a esse hábito de ponto central de transição, a partir do qual, por um lado, regula-se o agir externo e, por outro, forma-se a experiência específica³⁶. A extroversão se caracteriza por um relacionamento positivo para com o objeto;

35. Cf. p. 127s.

36. "Tipologia psicológica" (1928). OC 6, § 941.

a introversão, antes, através de um relacionamento negativo. Em sua forma de reação e adaptação, o extrovertido se orienta mais segundo as normas exteriores, de validade coletiva, ao respectivo espírito do tempo etc. O introvertido, ao contrário, é determinado em seu comportamento preferentemente por fatores subjetivos. Daí provém também sua adequação muitas vezes malsucedida com o mundo. A pessoa que tem atitude extrovertida "pensa, sente, age referida ao objeto"³⁷, desloca seu interesse do sujeito *para fora* para o objeto, orienta-se primordialmente no exterior³⁸. No introvertido, o sujeito é o ponto de partida da orientação, e o objeto só recebe valor, no máximo, secundário, mediato. Em dada situação, esse tipo humano, num primeiro momento se retrai, "como se dissesse com voz baixa *não*"³⁹, e só então reage propriamente.

Enquanto o tipo de função aponta o modo de apreensão e moldagem específico do material das vivências, o tipo de atitude, extroversão e introversão, caracteriza a postura psicológica geral, ou seja, o direcionamento da energia psíquica geral, aquilo que Jung concebe como libido. Está ancorado em nossa constituição biológica, e desde o nascimento está definido muito mais claramente do que nosso tipo de função. Isso porque, embora a escolha da função principal, em geral, seja condicionada por certa tendência constitutiva de diferenciar uma determinada função, mediante um esforço consciente, essa pode ser profundamente modificada e até reprimida. Mas a mudança do tipo de hábito, ao contrário, só pode ser provocada por uma "reestruturação (*Umbau*) interna", uma

37. *Tipos psicológicos*. OC 6, § 719.

38. Por isso, chamado por Jung muitas vezes, também, de "tipo-orientação".

39. "Tipologia psicológica" (1928). OC 6, § 937.

mudança na estrutura da psique, ou através de uma transformação espontânea (nesse caso, novamente, condicionada biologicamente) ou mesmo de um difícil processo de desenvolvimento psíquico, como, por exemplo, por meio de uma "análise"⁴⁰.

Por isso, a diferenciação de uma segunda ou terceira função, ou seja, as duas funções auxiliares, é mais fácil do que a quarta função, a inferior, uma vez que essa não apenas se encontra maximamente distante da função principal, mas também se encontra conjugada com o modo de atitude ainda não vivenciado, oculto e, portanto, indiferenciado. Por essa contaminação, portanto, a introversão, por exemplo, do tipo extrovertido não tem o sobretom da intuição ou da sensação, mas em primeira linha o sobretom do sentimento etc.

A relação mútua entre extroversão e introversão é igualmente compensatória. Se o direcionamento da consciência é extrovertido, o inconsciente é introvertido e vice-versa. Esse fato possui uma importância decisiva para o conhecimento psicológico. Em sua *Einführung in die Grundlagen der Komplexen Psychologie* (Introdução nos fundamentos da psicologia dos complexos)⁴¹, Toni Wolf diz o seguinte:

"O inconsciente do extrovertido é introvertido, todavia, por causa de seu caráter inconsciente, está ali de forma indiferenciada, coativa e instintiva. Por isso, quando o contraponto inconsciente irrompe, os fatores subjetivos se impõem com violência. Com isso, a pessoa com relações positivas, cordata com todo mundo, torna-se momentânea ou definitivamente

40. Já existem inúmeras obras decisivas e resultados de pesquisas sobre a relação mútua entre distúrbios biológicos e psíquicos, assim como sobre os nexos de ligação de hormônio e psique (cf. Steinach et al.).

41. WOLFF, T. *Studien*, p. 87.

um indivíduo egocêntrico, crítico, ranzinza, que cheio de desconfiança supõe haver em tudo e em todos razões pessoais. Sente-se estranho e isolado e em tudo suspeita haver inimidade. A passagem automática de uma atitude consciente para uma inconsciente pode ser reconhecida, muitas vezes, no fato de constatar ou projetar o lado próprio negativo no objeto - e aqui, em geral, num objeto de tipo contrário, portanto introvertido -, o que leva naturalmente a confrontos desafortunados e injustos. Quando no tipo introvertido irrompe a atitude inconsciente contrária, torna-se de certo modo um extrovertido inferior, inadequado. O material externo é inundado com projeções do material subjetivo, recebendo assim uma espécie de significado mágico. Com isso surge uma *participation mystique*, como diz Levy-Bruhl a respeito dos primitivos, que se identificam com as manifestações da natureza. Naturalmente, tal estado surge muitas vezes, de modo especial em relações de amor e ódio, uma vez que, já em si, um afeto intenso facilita o mecanismo de projeção"⁴².

"O hábito da atitude da consciência se mantém na vida até que o indivíduo chega numa situação na qual sua unilateralidade impossibilita sua adaptação à realidade. Muitas vezes essa situação consiste no fato de o envolvido entrar numa estreita relação com um objeto de tipo contraposto; então os contrários colidem, não há compreensão, atribui-se toda culpa ao outro, porque ele possui aquelas propriedades que não se vê em si mesmo e não se desenvolveu, existindo assim apenas de forma inferior. É muito comum a contraposição tipológica ser a verdadeira razão psicológica de problemas de

42. "Os afetos se encontram sempre no lugar de adaptação malsucedida", afirma Jung (*Tipos psicológicos*. OC 6, § 810).

casais, dificuldades entre pais e filhos, atritos entre relações de amizade ou profissionais, e até de diferenças sociais e políticas. Tudo aquilo de que não estamos conscientes em nossa própria psique, nesses casos, aparece projetado no objeto, e enquanto não se reconhece em si mesmo o conteúdo projetado, o objeto continuará sendo o bode expiatório. Por isso, a tarefa ética seria realizar em si mesmo o hábito atitudinal contraposto, sempre existente em toda pessoa humana. Através de aceitação e desenvolvimento conscientes, o indivíduo não só alcançaria equilíbrio em si mesmo, como compreenderia melhor também seus semelhantes⁴³.

Em geral, essa contraposição das funções e a atitude consciente e inconsciente intensificam-se no indivíduo na segunda metade da vida tornando-se um conflito precisamente naquele problema com o qual se anuncia uma mudança em sua situação psicológica nesse período da vida. Muitas vezes são precisamente as pessoas proficientes e adaptadas ao mundo exterior que, tendo uma vez ultrapassado a casa dos quarenta anos, de repente sentem que, apesar de "sua cabeça brilhante", não estão à altura para enfrentar os conflitos domésticos ou, por exemplo, não se sentem suficientemente adaptadas a seu ofício etc. Se esse fenômeno for corretamente compreendido, deve ser concebido como um sinal e uma exortação de que a função inferior está exigindo agora, também ela, seu direito, fazendo-se necessário um confronto e embate com ela. Também nesses casos, quando se inicia uma análise nessa idade, a confrontação com ela acaba se tornando o principal papel a ser exercido.

43. Cf. tb. a descrição muito precisa que faz Jung desses dois tipos contrapostos em seu livro *Psicologia do inconsciente* (1943). OC 7/1, § 102ss.

renciado. O eterno pubescente é um exemplo comum disso, mesmo que apareça com o mais claro e amável aspecto do *puer aeternus*. Mas, de acordo com isso, o *puer aeternus* não torna visualizável apenas uma fixação num estágio precoce, ou seja, um permanecer retardado, mas representa também a possibilidade de um avanço no crescimento, a oportunidade de desenvolvimento existente em potência em todo material ainda não desenvolvido.

Assim como a diferenciação e o isolamento daquela função que capacita o indivíduo, a partir de sua disposição natural, a inteirar-se de forma mais segura e superar os desafios do mundo externo, constitui-se na mais importante tarefa psíquica da juventude, assim só se poderá empreender a diferenciação das demais funções depois de ter realizado essa tarefa com sucesso. Pois enquanto o ser humano não tiver ancorado firmemente sua consciência no mundo circundante real – e isso só se dá com o tornar-se adulto, e muitas vezes inclusive só após certa experiência na idade avançada – não pode nem deve, se não for absolutamente necessário, tomar o caminho que leva ao inconsciente.

O mesmo se dá com o hábito atitudinal. O hábito dado como disposição natural deve exercer a direção durante a primeira metade da vida, porque é a melhor forma de o indivíduo achar seu caminho no mundo, usando sua atitude dada pela natureza. É só a segunda metade da vida, então, que impõe a tarefa de dar voz também ao hábito contraposto. Não é preciso maiores explicações sobre o fato de que é mais fácil a alguém extrovertido de nascença adaptar-se ao mundo externo – exigência sobretudo da primeira metade da vida – do que a alguém introvertido de nascença. Por isso, talvez, possamos ousar dizer que o extrovertido se move com mais facilidade

Todavia, aqui é preciso apontar ainda para outra espécie de distúrbio do equilíbrio psíquico, que hoje pode ser encontrada quase com a mesma frequência que aquele provocado por uma função principal diferenciada de forma unilateral e exclusiva, a saber, o distúrbio que surge quando não se desenvolve nenhuma das quatro funções possíveis ou quando as quatro permanecem indiferenciadas. Num tal estado encontra-se a psique de uma criança, quando ainda não possui um eu firmemente articulado. Isso porque o devir da consciência do eu representa um longo e difícil processo de centrar-se e de crescimento, e caminha lado a lado com o desenvolvimento e a fixação da função principal. Ao alcançar a maturidade, portanto, no fim da adolescência, deveria ter-se completado. Mas quando não se completa no final dessa fase, ou, como é muito comum, se até a idade tardia do ser humano continua oculto em estágios iniciais, então, apesar de sua idade, temos um indivíduo infantil, criança, que se caracteriza por uma estranha insegurança, um constante oscilar em todas as suas manifestações, juízos e feitos. Quando tal pessoa precisa primeiramente procurar que atitude deve tomar, dentre as duas possíveis, ou qual tipo de função deve empregar nessa ou naquela situação, dentre as quatro possíveis, essa pessoa, então, de acordo com isso, é também influenciável, apresenta um rosto em constante mudança, ou então – como que servindo de proteção contra essa vulnerabilidade – veste uma máscara rígida, bem convencional, por trás da qual supõe poder esconder seu subdesenvolvimento psíquico. Na experiência, porém, vê-se que em situações e épocas decisivas da vida essa vulnerabilidade irrompe, levando a inúmeras complicações. Um desenvolvimento tão diminuto das funções, portanto, é tão prejudicial quanto um desenvolvimento unilateral superdife-

no mundo na primeira metade da vida, e o introvertido, na segunda metade da vida, com o que, pelo menos de forma relativa, se estabelece com certa justiça.

O perigo que ameaça os dois tipos é a unilateralidade. A extroversão do eficaz pode levá-lo com tal intensidade para dentro do mundo, que encontra dificuldade de achar o caminho "de volta para casa". Seu próprio interior se lhe tornou estranho. Encontra-se constantemente fugindo desse fato, até não poder mais. Ou então se entregou com demasiada força à *ratio*, acionando e fortalecendo sempre apenas sua função de pensamento, e agora se dá conta de ter-se tornado estranho de seu próprio núcleo vital: Seu sentimento não consegue atingir sequer a pessoa que lhe está mais próxima. Mas não só o que está voltado ao mundo, mas também o introvertido encontra dificuldades por causa de sua postura unilateral no curso da vida. As funções negligenciadas e o hábito atitudinal que não foi vivenciado se revoltam, exigindo seu lugar ao sol, forçando essa aquisição, quando não há outro modo, através de uma neurose. Isso porque a meta é sempre alcançar a inteireza da psique, a solução ideal, portanto, na qual pelo menos todas as três funções e os dois modos de reação estão à disposição do indivíduo, na máxima consciência e leveza possível; ele deve saber, pelo menos, algo também da constituição da quarta função e dos perigos ameaçadores dela provenientes. Pelo menos uma vez na vida é preciso tentar, de algum modo, uma relativa aproximação a este ideal. Se essa exigência não se apresentar antes, o meio da vida significa a última convocação para, agora ou nunca, fazer frente a essa exigência, "arredondando" assim a psique, a fim de não ir ao encontro do entardecer da vida de forma despreparada e incompleta.

O problema dos tipos no ser humano criativo

Assim como o tipo-função, também o tipo-atitude, ao qual pertence uma pessoa, permanece quase sempre desconhecido a este ou é malcompreendido. Em todo caso, muitas vezes é bem difícil de ser reconhecido, necessitando de um longo trabalho psicológico para desvencilhá-lo da imagem caleidoscópica oferecida pela psique ao observador. Quanto mais forte o relacionamento que tem uma pessoa naturalmente com o inconsciente, tanto mais difícil essa tarefa. Isso se aplica de modo especial a todas as naturezas dos artistas.

Pessoas criativas e artistas, que possuem de forma estrutural uma relação extraordinariamente forte com o inconsciente, tendo como que um "comércio direto" com o inconsciente, dificilmente se deixam enquadrar num tipo. E isso se agrava ainda mais quando não se pode equiparar prontamente obra e artista. Muitas vezes o mesmo artista, por exemplo, em sua vida é uma pessoa extrovertida e sua obra corresponde a um tipo introvertido e vice-versa. Isso já pode ser muito bem-compreendido na perspectiva da lei da contraposição psíquica, e poderia ser o caso sobretudo daqueles artistas que em sua obra representam artisticamente aquilo que eles não são; representam, portanto, sua complementação. Mas naqueles artistas nos quais sua obra não representa seu outro lado, não vivenciado, mas sua própria "elevação", sua autoimagem aumentada, idealizada, nesses obra e pessoa podem corresponder-se. Isso se aplica sobretudo a introvertidos que se representam em romances ou figuras psicológicas sutis, ou a extrovertidos, que têm predileção em descrever heróis de aventuras ou viagens de aventuras.

Jung acredita que o criar extrovertido nasce através da transformação artística do que se vivenciou no mundo exte-

rior, mas o criar introvertido, ao contrário, "aconteceria" através da superação dos conteúdos do interior, que fluem cheios de significado para a pena ou o pincel do artista.

O processo criativo, na medida em que podemos segui-lo, consiste numa vivificação de símbolos eternos que repousam no inconsciente da humanidade e em seu desenvolvimento e configuração, até chegar a uma obra de arte perfeita. "Quem fala com imagens originárias fala como que com mil vozes, toma e supera, e ao mesmo tempo eleva aquilo que desenha, a partir do singular e passado, para a esfera do contínuo devir, eleva o destino pessoal em destino da humanidade, e com isso libera também em todos nós aquelas forças úteis que possibilitaram à humanidade salvar-se de todo e qualquer perigo, sobrevivendo mesmo à mais longa das noites. [...] Esse é o mistério do efeito da arte"⁴⁴.

Jung atribui um posto especial à atividade artística da imaginação (*Phantasie*), atribuindo-lhe inclusive uma categoria própria, porque, em sua opinião, não pode ser classificada sob nenhuma das quatro funções básicas ou participa em cada uma delas. Segundo isso, não é correta a opinião geral de que, quando ocorre uma ideia artística, isso se deve apenas ao tipo intuição, ou seja, que todo artista teria como sua função principal a intuição. No trabalho criativo a imaginação é a fonte de onde ocorrem as ideias, todavia pode ser um dom de cada um dos quatro tipos. A imaginação do artista, que representa uma habilidade ou um dom específico, não pode ser confundida nem com a "imaginação (*Imagination*) ativa", que opera o levantamento, vivificação e fixação das imagens do inconsciente coletivo, nem com a intuição, que representa

44. *O espírito na arte e na ciência*. OC 15, § 129s.

um modo de apreensão dos dados psíquicos – sendo portanto uma função da consciência. Isso porque o tipo de função se anuncia só no modo e na maneira de apreensão e processamento tanto das "intuições" como das ideias criativas que ocorrem ao artista ou dos produtos da imaginação. Assim, também a obra, enquanto produto criativo, de acordo com toda sua disposição natural, pode pertencer a um tipo diferente do que o do próprio artista que a fez, e a respeito do tipo do artista não se deduz a partir do conteúdo, mas apenas a partir do modo de elaboração. Em princípio, é natural a imaginação do artista não se diferenciar daquela do ser humano usual; mas o que perfaz o artista, ao lado da riqueza, originalidade e da vitalidade dos produtos da imaginação, é, em primeira linha, sua habilidade na força formadora, com a qual consegue dar figuração às ideias que lhe ocorrem, ligando-as entre si numa inteireza estético-orgânica.

Ouve-se sempre que seria muito perigoso para o artista ocupar-se com o inconsciente, e sempre é possível perceber como certos artistas, vez por outra, afastam-se da psicologia – diz Jung – porque temem que esse monstro lhes devore a assim chamada força criativa. Como se um exército de psicólogos pudesse fazer alguma coisa contra um Deus! A verdadeira criatividade é uma fonte que não pode ser estancada. Haveria algum embuste na face da Terra que se sussurrasse a Mozart ou Beethoven e pudesse impedir esses mestres em seu poder criativo? A força criativa é mais forte do que o ser humano. Quando não é assim, então é fraca, alimentando sob certas circunstâncias um talentinho amistoso. Mas onde é uma neurose, às vezes ali basta uma única palavra, sim, até mesmo um simples olhar para desfazer no ar a ilusão. Então o suposto poeta não consegue mais compor poemas, e ao pintor ocor-

rem-lhe ainda menos ideias e sente-se ainda mais incapaz do que antes, e a única culpada disso é a psicologia! Ficaria feliz se o conhecimento psicológico tivesse um efeito tão desinfetante, ajudando a diminuir o elemento neurótico, que torna a arte de hoje em dia tão pobre em gozo artístico. A doença não estimula o elemento criativo, ao contrário, representa seu maior empecilho. Nenhuma solução de repressão pode destruir o que é realmente criativo, assim como jamais se consegue esvaziar o inconsciente⁴⁵.

Outra suposição errada é a hipótese ainda muito difundida de que uma obra de arte perfeita condiciona ou puxa junto consigo a perfeição psíquica de seu criador; isso porque para poder tirar realmente proveito do "comércio com o inconsciente" para um processo de diferenciação psíquica, portanto, para um desenvolvimento buscado da personalidade é preciso compreender e vivenciar humanamente as imagens, símbolos e visões que sobem dele, isto é, acolhê-los e integrá-los ativamente, "indo ao seu encontro atuando com plena consciência"⁴⁶. Mas, muitas vezes, o artista está postado frente a eles de forma passiva, olhando para eles, reproduzindo sua imagem, percebendo, ou, no melhor dos casos, sofrendo-os. Nesse sentido, portanto, sua vivência seria perfeita do ponto de vista artístico, mas incompleta do ponto de vista humano. Mas aquele artista que conseguisse ampliar e configurar criativamente tanto sua própria personalidade quanto sua obra, na mesma medida, alcançaria seguramente a medida máxima do humano. Mas isso só é dado há poucos; só raramente a força de uma pessoa alcança levar à mesma perfeição tanto a

45. "Psicologia e educação". OC 17, § 206.

46. *O eu e o inconsciente* (1958). OC 7/2, § 342.

obra interior quanto a exterior. Isso porque "os grandes dons são os mais belos e às vezes os mais perigosos frutos na árvore da humanidade. Encontram-se nos galhos mais delgados, que se quebram com facilidade"⁴⁷.

É verdade que extroversão e introversão são modos de reação permeáveis na vida da mesma pessoa; apesar disso, por certo espaço de tempo podem ser intercambiados. Há determinadas fases da vida do ser humano, e até na vida dos povos, que são caracterizadas mais pela extroversão e outras mais pela introversão. Por exemplo, a puberdade, em geral, é uma fase mais extrovertida, o climatério uma fase mais introvertida, a Idade Média foi uma fase mais introvertida, a Renascença uma fase mais extrovertida, e assim por diante. Só isso já bastaria para mostrar que é totalmente falso, como acontece com frequência, identificar o modo de atitude da extroversão como "mais valioso" que a introversão e vice-versa. As duas têm sua justificação e seu lugar no mundo. A cada uma delas é adequada uma função própria para que o mundo se complete. Quem não reconhece isso comprova apenas que ele próprio está preso como cego numa dessas duas atitudes e não consegue enxergar para além de si mesmo.

Com a inserção de extroversão ou introversão, como um hábito geral atitudinal das quatro funções básicas resultam ao todo oito diferentes tipos psicológicos: o de pensamento extrovertido, o de pensamento introvertido, o de sentimento extrovertido, o de sentimento introvertido etc., formando assim uma espécie de compasso, por meio do qual podemos nos orientar na estrutura da psique. Se quiséssemos apresentar um esquema completo da personalidade segundo a Teoria

47. "Psicologia e educação", OC 17, § 211.

dos Tipos junguiana, poderíamos pensar a introversão-extroversão como um terceiro eixo perpendicular para com os dois eixos cruzados dos quatro tipos de funções; na medida em que colocamos em relação cada uma das quatro funções com os dois tipos atitudinais, temos uma figura espacial octogonal. De fato, não é raro expressar-se a ideia da quaternidade, ao lado do próprio quatro, através do quatro dobrado, o oito (*ogdoas*).

A persona

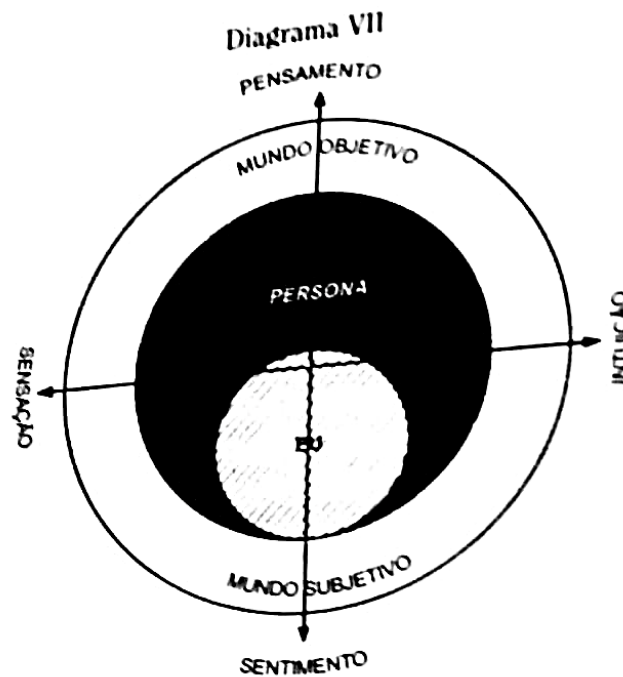
Frente a seu mundo circundante, junto com a extensão da diferenciação ou superdiferenciação de sua consciência, está implicado também o modo geral de comportamento psíquico do ser humano, chamado por Jung de *persona*. O diagrama VII mostra como o sistema de relação psíquica, através do qual o ser humano entra em contato com o mundo exterior, envolve ao mesmo tempo o eu, encapsulando-o contra o mundo exterior como se fosse uma "casca". Também aqui, como aconteceu nos outros diagramas, o pensamento foi tomado como função principal, por isso ele domina quase que totalmente a casca-eu, a *persona*. As funções auxiliares, intuição e sensação, participam dele já bem menos, a função inferior, o sentimento, quase já não mais participa dele.

A pessoa representa propriamente um excerto do eu, precisamente aquele que está voltado ao mundo circundante. Jung o define como segue: "A *persona* é um complexo funcional, que surgiu por razões de adaptação ou de uma necessária comodidade, mas que não é idêntico com a individualidade. Refere-se exclusivamente à relação para com os objetos, com o exterior"⁴⁸. "A *persona* é um compromisso entre indivíduo

48. Tipos psicológicos, OC 6, § 803.

e sociedade sobre como alguém aparenta ser"⁴⁹. Um compromisso, portanto, entre as exigências do mundo circundante e sobre o condicionamento interior estrutural do indivíduo. Isso significa que uma *persona* que funciona corretamente tem de dar conta de três fatores: em primeiro lugar, o ideal de eu ou a imagem desejada, que toda pessoa humana tem em si, e de acordo com a qual ele gostaria que fosse sua compleição e seu procedimento; em segundo lugar, a imagem geral que faz o respectivo mundo circundante a respeito de um ser humano, de acordo com o gosto e o ideal desse mundo; e em terceiro lugar as condicionalidades dadas psíquica e fisicamente, que impõem os limites à realização do ideal de eu ou do mundo circundante. Se alguém não cuida desses três fatores, ou eventualmente até de dois deles, a *persona* jamais poderá realizar plenamente sua tarefa, e acaba redundando mais em empecilho para o desenvolvimento da personalidade do que em um fator de contribuição e fomento para o mesmo. Por exemplo, um indivíduo cuja *persona* é edificada apenas a partir dos traços permitidos pela coletividade exterior, tendo a *persona* de uma pessoa da massa, e aquela pessoa que só leva em consideração sua própria imagem desejada, negligenciando porém todas as outras duas necessidades, é bem provável ter uma *persona* de um excêntrico, um solitário ou de um rebelde. Assim, fazem parte da *persona* não só nossas características psíquicas, mas também nossas formas de lidar com as coisas, nossas peculiaridades habituais em relação a nossa aparência externa, como postura, jeito de andar, penteado, vestes, sim até o franzir do nosso rosto e nossos tiques, nosso costume de sorrir e suspirar e outras coisas.

49. O eu e o inconsciente, OC 7/2, § 466.



Eu e persona com os quatro tipos de funções

No ser humano bem-adaptado tanto ao seu mundo exterior quanto ao seu mundo interior, a *persona*⁵⁰ é por assim dizer um muro protetor necessário, mas maleável, que lhe assegura uma forma de comércio com o mundo circundante relativamente natural, homogênea e leve. Mas precisamente por causa da comodidade com a qual sua real natureza pode se esconder por trás de tal forma de adaptação, tornada habitual, também pode incorrer em perigo. Então, ela enrijece, torna-se mecânica e se transforma, no verdadeiro sentido da palavra, em uma máscara bem-talhada, por trás da qual a indi-

50. Cf. JACOBI, J. Die Seelenmaske - Einblicke in die Psychologie des Alltags. Freiburg im Breisgau: Olten, 1971.

vidualidade, aquilo que a pessoa humana é em sua verdadeira essência começa a definhir, caminhando rumo a uma total asfixia⁵¹. "A identificação com o ofício e com o título carrega em si algo de sedutor, razão pela qual muitas pessoas nada mais são que a alteza atribuída a elas pela sociedade. Seria uma tarefa vã procurar por trás dessa casca uma personalidade, encontraríamos apenas uma pessoazinha miserável. É por isso precisamente que o ofício exercido - ou seja lá o que for essa casca exterior - é tão sedutor"⁵², representa uma compensação barata das frustrações pessoais. Todos nós conhecemos por exemplo o professor cuja individualidade se esgota na função do "ser professor"; por trás dessa máscara, então, nada mais encontramos que um feixe de rabugices e infantilidades. Apesar de seu modo de funcionar habitual e por isso na maioria das vezes já automático, a *persona* jamais pode tornar-se tão intransponível que, pelo menos, não se possa adivinhar e pressentir os traços de caráter individual que ela "encobre". Tampouco ela poderá ser tão "aderentemente talhada" na pessoa que não mais possa ser "retirada". No fundo, a consciência pode dispor mais ou menos livremente de uma *persona* funcionando corretamente, pode adaptá-la às exigências das respectivas circunstâncias, isto é, modificá-la e até trocá-la. Isso porque uma pessoa adaptada ao mundo circundante "vestirá", por exemplo, outra *persona* quando vai para um casamento, quando conversa com funcionários do fisco, ou quando preside uma reunião, e ali tem de ter relativa consciência disso, o que só é possível quando ela estiver ligada com a função superior da consciência.

51. Cf. para isso o belo artigo de Schopenhauer: "Von dem, was einer ist und von dem, was einer vorstellt". *Aphorismen zur Lebensweisheit*, II und IV.

52. *O eu e o inconsciente*. OC 7/2, § 230.

dade, da sociedade, as estatuetas dos títulos, dignidades etc. que exercem tal atração ao ser humano, levando-o assim a uma inflação. Além de nosso eu, não existe apenas a consciência coletiva da sociedade, mas também o inconsciente coletivo, nossa própria profundidade que alberga em si grandezas igualmente atrativas. Como, no primeiro caso, alguém se vê "arrebaldado" pelas dignidades oficiais do mundo, assim também alguém pode, de repente, desaparecer dele, ou seja, ser "engolido" pelo inconsciente coletivo, identificar-se com uma imagem interna na medida em que esse cria uma ilusão de grandeza ou também de pequenez e acaba se considerando como um herói, um libertador da humanidade, um vingador, um mártir, um expatriado, um vampiro etc. O perigo de cair vítima dessa "grandeza interior" cresce com o enrijecimento da *persona*, com a força da identificação do eu com ela, pois, através disso, todo o interior da personalidade continua reprimido, recalçado, indiferenciado e assim carregado de dinâmica ameaçadora.

Uma *persona* funcional, que por assim dizer está bem-assentada, é uma condição primordial para uma psique sadia e de grande importância para suplantar com sucesso os desafios do mundo exterior. Assim como uma pele sadia ajuda a intermediar a troca material dos tecidos subcutâneos, e quando se torna rígida e morre, reduz a vida das camadas internas, assim também uma *persona* "bem maleável" pode desempenhar o

ria das vezes vivencia isso de forma totalmente irrefletida. Em parte, esse conceito corresponde ao conceito cunhado por Freud e designado de "superego", mas se diferencia dele no fato de Jung não compreender sob esse conceito apenas as ordens e proibições do mundo circunstante, que atuam a partir do espaço interior da psique, mas também aqueles que determinam ininterruptamente o ser humano a partir de fora, em seu fazer e deixar de fazer, em seu sentimento e pensamento.

Todavia - como podemos constatar - nem sempre é isso o que acontece. Pois, em certas circunstâncias, ao invés de se tentar a adaptação ao mundo exterior lançando mão da função superior - o que constitui e deveria ser a regra - também pode ser tentada lançando mão da função inferior ou, o que é menos perigoso e mais fácil de corrigir, com uma das funções auxiliares; pode também, infelizmente, ser forçada por imposição dos pais ou pela pressão da educação. Mas, com o tempo, isso traz consequências graves e, em virtude de fazer violência, mais forte ou mais fraca, à estrutura psíquica dada pela disposição natural, levar a referida pessoa a formar uma espécie de "caráter forçado" e às vezes até a uma verdadeira neurose. Em tais casos, a *persona* aparece inevitavelmente afetada com todas as frustrações que caracterizam as funções inferiores, indiferenciadas.

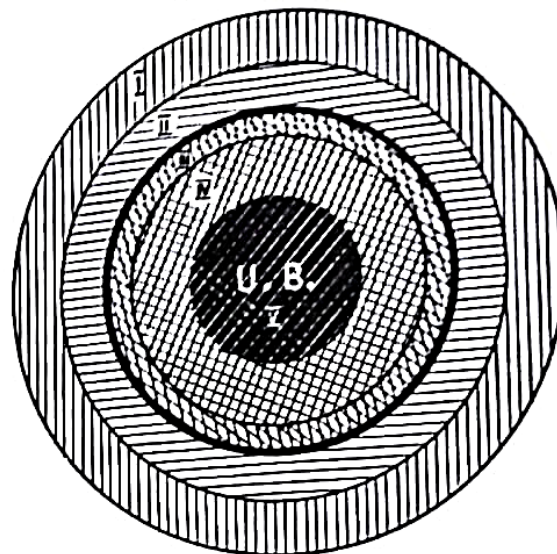
Essas pessoas não só não se mostram simpáticas, mas podem facilmente induzir pessoas psicologicamente sem experiência a uma avaliação totalmente incorreta de sua pessoa. São aqueles tipos que, correspondentemente a isso, em suas relações, passam a vida resolvendo tudo de modo estereotipadamente falso ou atrapalhado. Um exemplo disso é o azarado, outro exemplo é o assim chamado "elefante numa loja de porcelanas", que não tem tato para nada, portanto, não tem qualquer instinto natural para um comportamento correto e adequado.

Mas não são apenas os sujeitos e representantes da *consciência coletiva*⁵³, os "grandes" que se destacam da generali-

53. No conceito de "inconsciente coletivo" estão contidos a integralidade das tradições, convenções, costumes, conceitos prévios, regras e normas de uma coletividade humana, que fornecem orientação à consciência do grupo como um todo ou à consciência dos indivíduos desse grupo, que na maio-

papel de protetor e regulador no intercâmbio entre o mundo interior e o exterior, mas quando perde sua elasticidade e maleabilidade transformase num empecilho molesto ou até numa barreira mortal. Toda e qualquer inadequação duradoura, assim como toda identificação com a *persona* - de modo especial com a atitude que não corresponde à nossa real eu -, com o andar da vida leva necessariamente a perturbações que podem crescer e se transformar em crises e enfermidades psíquicas graves.

Diagrama VIII



Âmbito do inconsciente

- | | |
|--|-------------------------|
| I = Recordações | } Inconsciente pessoal |
| II = Conteúdos reprimidos | |
| III = Emoções | } Inconsciente coletivo |
| IV = Invasões | |
| V = Aquela parte do inconsciente que não pode ser tornada consciente | |

Os conteúdos do inconsciente

Como já foi mencionado, o *inconsciente* abarca dois âmbitos: um *peçoal* e um *coletivo*⁵⁴. O *diagrama VIII* apresenta uma exposição esquemática dessa realidade. Já foi dito de onde são formados os conteúdos do inconsciente pessoal, a saber, de "conteúdos esquecidos, reprimidos, percepções subliminares, e de todo tipo de conteúdos pensados e sentidos"⁵⁵. Mas também o inconsciente coletivo é dividido em âmbitos que, compreendido figurativamente, poderíamos nos representar como que postados um sobre o outro, muito embora o inconsciente abarque a consciência por todos os lados. Jung chega a dizer: "Segundo minhas experiências, a consciência

54. A tentativa de um desmembramento das partes inconscientes da psique em "âmbitos" só pode naturalmente ser usada e compreendida como uma hipótese de trabalho; serve para facilitar a orientação dentro do material inconsciente multiestratificado e para melhor supervisionar seu agrupamento.

55. Os conceitos de "pré-consciente" e "subconsciente", empregados por muitas pessoas com o mesmo significado que inconsciente coletivo, levando com isso a inúmeros equívocos, correspondem apenas em parte ao inconsciente coletivo. O pré-consciente - expressão introduzida por Freud - representa de certo modo aquela zona-limite do inconsciente pessoal, mais próxima da consciência, um âmbito de conteúdos subliminares que, por assim dizer, "prontos para a marcha", aguardam por uma "convocação" antes de entrarem na consciência. Por subconsciente (a expressão provém de Dessoir) compreende-se, ao contrário, um âmbito que abarca aqueles processos psíquicos que estão entre o que é plenamente consciente e o inconsciente (como, por exemplo, alguns estados de transe, assuntos não recordados, não intencionados e não percebidos). O subconsciente pode ser identificado mais ou menos com o inconsciente pessoal, mas não com o inconsciente coletivo, uma vez que os conteúdos desse último não correspondem mais às experiências feitas durante as experiências de uma vida individual. Se ousarmos uma descrição topográfica, poderíamos dizer: O pré-consciente abrange a zona limítrofe superior do inconsciente pessoal na direção da consciência; o subconsciente abrange a inferior, na direção do inconsciente coletivo. O conceito junguiano do inconsciente pessoal, portanto, abarca os dois conceitos

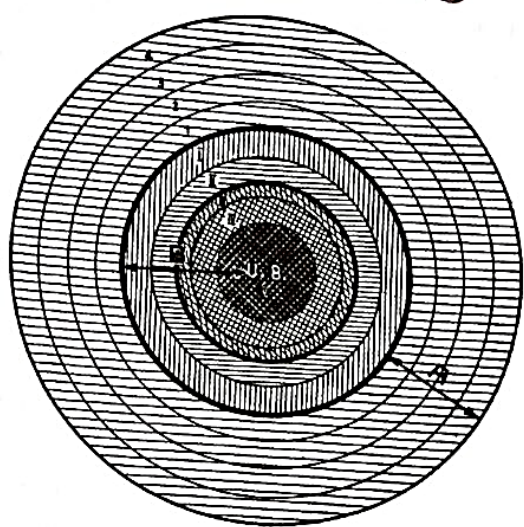
só pode reivindicar uma *situação relativamente intermediária* e tem de tolerar ser superada e envolvida de certo modo *por todos os lados* pela psique inconsciente. Através de conteúdos inconscientes, está ligada *para trás*, por um lado, com condicionamentos fisiológicos e, por outro, com pressupostos arquetípicos. Também é antecipada *para frente*, porém, através de intuições [...]"⁵⁶. Mas se quisermos permanecer na representação visual topográfica de "camadas", então temos de identificar como primeiro âmbito aquele de nossas emoções e afetos, de nossos instintos primitivos, sobre os quais, ao se manifestarem, sob certas circunstâncias, exercemos ainda um controle, que podemos qualificar de certo modo como racional. Mas o próximo âmbito já abrange aqueles conteúdos que irrompem de forma elementar imediatamente a partir do centro de nosso inconsciente - centro o mais profundo, o mais escuro e que jamais poderia ser totalmente conscientizado, irrompendo como corpos estranhos, que permanecem eternamente incompreensíveis e jamais poderão ser assimilados completamente pelo eu. Possuem um caráter totalmente autônomo, formando muitas vezes não apenas os conteúdos das neuroses e psicoses, mas também em muitos casos os conteúdos das visões e alucinações dos espíritos criativos.

Muitas vezes é bastante difícil estabelecer uma distinção do que pertence às diversas "zonas" ou a seus conteúdos. Em sua grande maioria eles surgem ligados uns aos outros, numa espécie de mistura⁵⁷. Uma vez que, no fundo, a consciência não é um "aqui" e o inconsciente não é um "lá". "A psique for-

56. "Símbolos oníricos". OC 12, § 175.

57. É só por causa da clareza que no diagrama se separam as linhas individuais entre si.

Diagrama IX



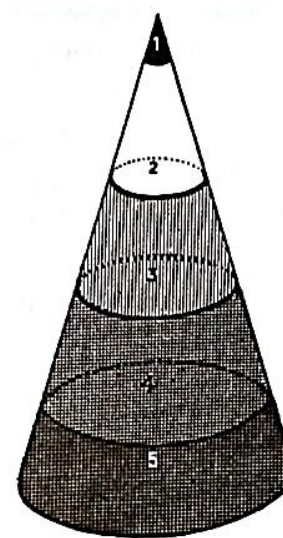
- | | |
|---|----------------|
| A = Âmbito da consciência | 1 = Sensação |
| B = Âmbito do inconsciente | 2 = Sentimento |
| I = Conteúdos esquecidos | 3 = Intuição |
| II = Conteúdos esquecidos | 4 = Pensamento |
| III = Emoções | |
| IV = Invasões | |
| V = Parte do inconsciente coletivo que jamais pode se tornar consciente | |

ma antes um todo *consciente-inconsciente*⁵⁸, cujos limites confrontativos estão em constante mudança.

Os *diagramas IX e X* devem servir para visualizar a estrutura completa do sistema psíquico total de um indivíduo. O círculo inferior (no *diagrama IX* é o central) é o maior. Sobre ele repousam os demais, estratificados uns sobre os outros e tornando-se cada vez mais estreitos; como conclusão o cume

58. "Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico" (1947). OC 8/2, § 397.

Diagrama X



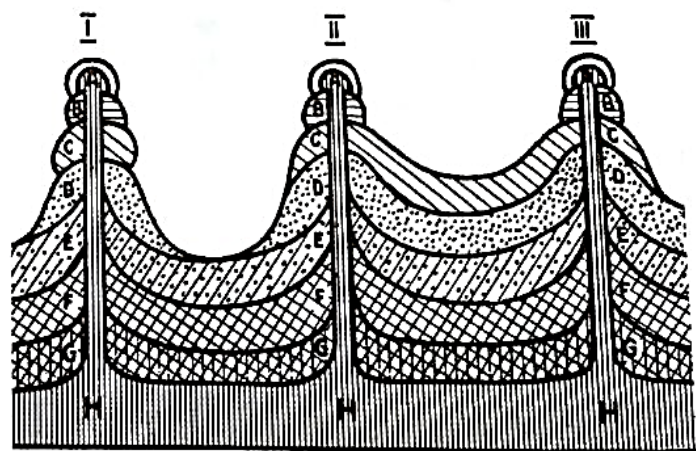
- | |
|---|
| 1 = O eu |
| 2 = A consciência |
| 3 = O inconsciente pessoal |
| 4 = O inconsciente coletivo |
| 5 = A parte do inconsciente coletivo que jamais pode se tornar consciente |

do eu. Como complemento a isso, o *diagrama XI* apresenta uma espécie de árvore genealógica psíquica, a correspondente filogenética da representação ontogenética precedente. Bem no fundo se encontra o abismo insondável, a "força central"⁵⁹, a partir de onde, na origem, separaram-se as psiques individuais. Essa força central atravessa por todas as demais diferenciações e singularizações, vive em todas elas, entrecruza-as até a psique individual como a única que perpassa por todas

59. Essa expressão deve ser compreendida como energética e como um conceito heurístico (cf. nota 2 do cap. 2 (p. 87)).

as camadas. Sobre o "fundo insondável" está o depósito da experiência de todos os nossos antepassados animais, e acima deste aquele de todos os nossos mais antigos antepassados humanos. Cada camada representa mais uma diferenciação da psique coletiva, até alcançar o nível da altura da psique individual, singular, progredindo de grupos da humanidade até grupos nacionais, da tribo para a família. Sobre isso Jung diz: "O inconsciente coletivo é a poderosa massa de herança espiritual do desenvolvimento da humanidade, renascida em cada estrutura individual [...]"⁶⁰.

Diagrama XI



- I = Nação isolada
- II e III = Grupo nacional (por exemplo, Europa)
- A = Indivíduo
- B = Família
- C = Tribo
- D = Nação
- E = Grupo de povo
- F = Antepassados primitivos humanos
- G = Antepassados animais
- H = Força central

60. *A natureza da psique* (1928). OC 8/2, § 342.

Em contraposição ao inconsciente pessoal, cujos conteúdos são constituídos de matérias reprimidas durante a história de vida do indivíduo e que sempre se encontram em processo de acumulação, no inconsciente coletivo encontram-se apenas traços essenciais genuínos, que caracterizam a estrutura psíquica da espécie humana e suas ramificações posteriores. Essa distinção entre os diversos conteúdos que no inconsciente se encontram juntos foi forjada por Jung em vista de uma hipótese de trabalho útil; ele como que os "misturou", para melhor poder demonstrar seu caráter fundamentalmente distinto. Os conteúdos subordinados ao inconsciente coletivo representam o solo matriz suprapessoal do inconsciente pessoal e da consciência, que em si são "neutros" em todas as perspectivas, pois seus conteúdos recebem sua determinação de valor e de lugar apenas através do confronto com a consciência. O inconsciente coletivo, não dirigível pela consciência, nem submisso à influência de sua atividade crítica e ordenadora, nos transmite a voz daquela natureza originária livre de influências, que Jung chamou, por isso, também de *psíquico objetivo*. A consciência está sempre finalisticamente orientada a adaptar o eu com o mundo exterior. O inconsciente, ao contrário, "é indiferente a esse caráter finalista referido ao eu, tendo a *objetividade* impessoal da natureza"⁶¹, cujo único objetivo é manter a continuidade imperturbável do decurso psíquico; é portanto uma defesa contra aquela unilateralidade que poderia levar ao isolamento, ao bloqueio ou outros fenômenos causadores de enfermidade. Mas, ao mesmo tempo - na maioria das vezes por caminhos desconhecidos -, no sentido de um caráter finalista, que está voltado para a

61. WOLFF, T. *Studien*, p. 109.

complementação da psique, seu arredondamento rumo a uma "inteireza".

Até aqui se falou da estrutura e da função da consciência e das formas e modos de reação pelos quais as reconhecemos. Também do inconsciente se disse que abarca diversos âmbitos. Ora, surge a questão se é possível falar de uma estrutura ou morfologia do inconsciente, e como isso está relacionado ao nosso conhecimento. Pode-se, porventura, constatar aquilo que não é "consciente" - que é, portanto, desconhecido à consciência? A resposta soa: Sim! No entanto, não de forma direta, mas apenas em virtude de sua atuação ou de suas *manifestações indiretas*, que encontramos na forma de sintomas ou complexos, imagens e símbolos no *sonho*, nas *imaginações* e *visões*⁶².

O complexo

As manifestações que aparecem primeiramente no campo da consciência são *sintoma e complexo*. O sintoma pode ser definido como um fenômeno de bloqueio do curso de uma energia psíquica, podendo ser reconhecido tanto somática quanto psiquicamente. É um "sinal de alarme de que algo de essencial não está indo bem na impostação da consciência ou que é insuficiente, e que deveria acontecer portanto uma ampliação da consciência"⁶³, isto é, suspender um bloqueio, sendo que não é possível apontar de antemão onde se encontra esse ponto de bloqueio e qual o caminho que leva a ele.

62. É óbvio o paralelo com o método da física e sua colocação de hipóteses. Ali também não se percebem as ondas e os átomos, eles mesmos, mas, com base nos efeitos observados se conclui dos mesmos, e estes são pesquisados seguindo hipóteses que consigam explicar da maneira mais abrangente possível o que é observado e postulado.

63. WOLFF, T. *Studien*, p. 101.

Jung define os complexos como *partes psíquicas dilaceradas da personalidade*, grupos de conteúdos psíquicos que se separaram da consciência, funcionando arbitrária e autonomamente, e que "conduzem, portanto, uma existência estranha para a esfera escura do inconsciente a partir de onde podem frear ou fomentar a todo instante desempenhos conscientes"⁶⁴. O complexo consiste primariamente de um "elemento-núcleo", de um portador de significado, que na maioria das vezes é inconsciente e autônomo, portanto, não é dirigível pelo sujeito, e em segundo lugar, de inúmeras associações ligadas a ele, e caracterizadas por um tom de sentimento unitário, que dependem, por sua vez, em parte de disposições pessoais originárias e em parte de vivências ligadas e causadas pelo meio circunstante⁶⁵. "O elemento-núcleo, de acordo com seu grau de valor energético, possui uma força *consteladora*"⁶⁶. Tanto individual quanto filogeneticamente, é por assim dizer um "ponto nevrágico", um centro funcional do distúrbio, que, quando ocorre uma situação externa ou interna adequada, torna-se virulento, podendo colocar sob seu domínio e reverter todo o estado de equilíbrio psíquico, forçar a totalidade do indivíduo a submeter-se à sua influência.

O seguinte *diagrama XII*⁶⁷ mostra o surgir do complexo, sob cujo efeito de choque a consciência por assim dizer se

64. "Tipologia psicológica" (1928). OC 6, § 923.

65. Uma definição e descrição mais detalhada do conceito de complexo, assim como dos dois mais importantes conceitos ligados a ele podem ser encontradas no livro da autora: *Komplex, Archetypus, Symbol in der Psychologie von C.G. Jung*. Zurique: Rascher, 1957, p. 7ss. [A seguir, citado como JACOBI. *Komplex*].

66. *A energia psíquica*. OC 8/1, § 19.

67. Esse diagrama foi retirado da redação inglesa sobre a preleção de Jung proferida em 1934/1935 na ETH em Zurique.

rompe, e o inconsciente penetra através do limiar da consciência, elevando-se ao nível da consciência. Ao se desfazer o limite da consciência, o "abaissement du niveau mental", como o chama P. Janet, retira-se energia à consciência. De um estado ativo consciente, o indivíduo cai num estado passivo, ele é "tomado"⁶⁸. Um complexo que se eleva assim age como um corpo estranho no espaço da consciência. Tem seu caráter fechado, sua inteireza e um grau de autonomia relativamente elevado. Apresenta, em geral, a imagem de uma situação psíquica de distúrbio, que possui um tom emocional vivo e se mostra incompatível com a situação habitual da consciência ou com a atitude habitual. Uma de suas causas mais frequentes é o conflito moral, e de modo algum restrito ao elemento sexual. O complexo é um poder da alma, frente ao qual, por uma fração de tempo, a intenção consciente, a liberdade do eu é suspensa⁶⁹.

Todo ser humano tem complexos. Isso vem atestado em muitos tipos de desajustes, como já demonstrara Freud em sua *Psychopathologie des Alltagslebens*⁷⁰ de modo inequívoco. Complexos não significam necessariamente uma inferioridade do indivíduo, apenas atestam "haver conteúdos não unificados, não assimilados, conflitivos, talvez um empecilho, mas talvez, também, um chamariz para maiores esforços e assim até para a possibilidade de novo sucesso. Por isso, nesse sentido, complexos são pontos centrais, pontos nodais da vida anímica,

68. H.C. Baynes descreveu os modos de manifestação e atuação desse processo durante os últimos três decênios na Alemanha, no interessante livro chamado *Germany possessed* (Londres, 1942).

69. "Considerações gerais sobre a Teoria dos Complexos" (1934). OC 8/1, § 216.

70. FREUD, S. *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*. Berlim: Karger, 1904 [Ges. Werke, vol. 4].

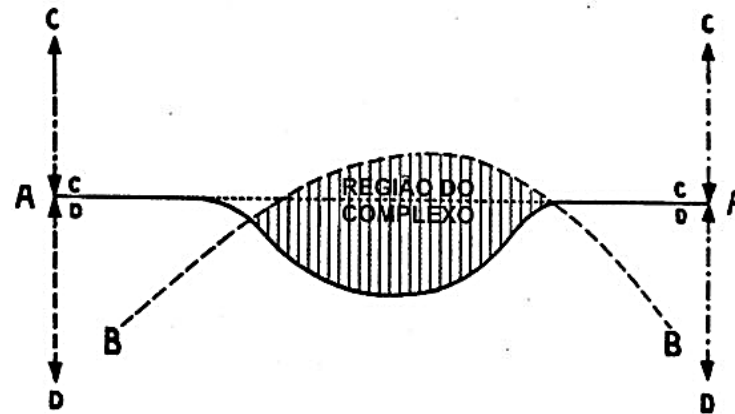
A origem do complexo é frequentemente o que se chama de trauma, um choque emocional ou algo parecido, através do que uma parcela da psique é "encapsulada" ou se cinde. E, na concepção de Jung, pode ter sua base tanto na tenra infância quanto nos acontecimentos ou conflitos atuais. O complexo tem seu último fundamento, porém, na maioria das vezes, na aparente impossibilidade de confirmar o todo do ser próprio individual.

O significado atual de um complexo é a libertação do indivíduo de sua influência, caso essa tenha um efeito nocivo, só podem ser mostrados e empreendidos na psicoterapia prática. Sua existência, a profundidade de seus efeitos e a tonalidade de sentimento, porém, só podem ser constatadas através de um processo de associação, elaborado por Jung num experimento já há mais ou menos 45 anos. Esse procedimento consiste em pronunciar individualmente à pessoa testada cem palavras, como "palavras-estímulo", escolhidas segundo determinados pontos de vista; então ela deve responder a cada palavra com uma "palavra-reação", e quiçá com a primeiríssima palavra que lhe ocorre logo que ouve a palavra-estímulo, não importando seu conteúdo, e depois, como recapitulação, transcorrido um espaço de tempo, reproduzir de memória todas essas palavras-reação individualmente no mesmo procedimento. A duração do tempo de reação mostrou ser determinada pela sensibilidade do complexo de cada palavra-reação. Igualmente a falta de reprodução ou a reprodução errada e outras formas de reação mostraram ter valor sintomático. Mostrou-se que, aqui, o mecanismo psíquico consegue apontar com a precisão de um ponteiro de relógio para os pontos da psique carregados de complexos.

Esse processo de associação foi elaborado e aprimorado por Jung até alcançar uma precisão extrema, com múltiplas

que não deveríamos prescindir, sim, que nem deveriam faltar, do contrário a atividade psíquica acabaria estacionando"⁷¹. Dependendo do grau de "extensão" e de peso ou da função que ocupam respectivamente na economia psíquica, podemos falar portanto de certo modo de complexos "sadios" e "doentes", sendo que depende exclusivamente do estado da consciência, ou seja, da maior ou menor capacidade de articulação firme da pessoa-eu consciente até que ponto esses complexos podem ser processados ou se, em última instância, eles têm um efeito favorável ou nocivo. De qualquer modo, identificam sempre aquilo que no indivíduo "não está resolvido", "portanto, o ponto indubitavelmente fraco em todos os sentidos da palavra"⁷².

Diagrama XII



AA = Limiar da consciência, que no lugar pontilhado se rompeu, ou seja, mergulhou no inconsciente

BB = O caminho com complexo que se eleva

CC = Âmbito da consciência

DD = Âmbito do inconsciente

71. "Tipologia psicológica" (1928). OC 6, § 925.

72. Op. cit.

particularidades, e levando em consideração diversos pontos de vista e possibilidades. Enquanto método didático e diagnóstico, significa um apoio essencial para toda psicoterapia, e hoje em dia faz parte do aparato cotidiano dos dispositivos psiquiátricos, do ensino da diagnose psíquica assim como de todo tipo de aconselhamento profissional, e inclusive dentro do aconselhamento da corte de justiça. O conceito *complexo* provém de Jung. Ele publicou seu grande trabalho sobre ele no ano de 1904-1906 em *Diagnostischen Assoziationsstudien*, onde introduz a expressão "complexo sentimental" para designar o fenômeno de "grupos de representações sentimentais no inconsciente", sendo que posteriormente, por questão de brevidade, usou-se apenas ainda o termo "complexo"⁷³.

Os arquétipos

Até que ponto pode-se ter contato não só com o inconsciente pessoal, mas também com conteúdos do inconsciente coletivo é fácil de se constatar no material fornecido pelos sonhos, fantasias e visões. Razões de natureza mitológica ou da simbologia da história comum da humanidade, assim como reações de natureza especialmente intensa podem ser deduzidos do fato de se ter participação nas camadas mais profundas. Essas razões e símbolos têm relevância determinante para toda a vida psíquica, possuem um caráter funcional dominante e estão extremamente carregadas de energia, razão por que foram designadas por Jung no início (1922) como "protótipos" ou, segundo J. Burckhardt, "imagens ori-

73. A expressão "complexo", no mais, já fora empregada por E. Bleuler para identificar certas descobertas psíquicas, assim como é empregada em geral referida às mais diversas coisas.

ginárias”, e mais tarde (1917) como “dominantes do inconsciente coletivo”. Foi só a partir de 1919⁷⁴ que ele as chamou de *arquétipos*⁷⁵. Nesse sentido, a partir de 1946⁷⁶ (mesmo que nem sempre *expressis verbis*), ele distingue entre “arquétipo em si” (*per se*), ou seja, imanente apenas potencialmente em toda estrutura psíquica, arquétipo não percebível, de um lado, e, por outro, o arquétipo atualizado, que se tornou percebível, que já adentrou o campo da consciência, que então figura como imagem arquetípica, como representação arquetípica, como processo arquetípico etc., sendo que seu modo de manifestação varia constantemente e depende da respectiva constelação dentro da qual ele se manifesta. Há, naturalmente, também, modos de ação e reação arquetípicas, cursos e processos como, por exemplo, o devir do eu, o avançar da idade etc. Portanto, formas de vivência, sim; de sofrimento, concep-

74. Em seu escrito “Instinto e inconsciente” (1928). OC 8/1, § 263-282.

75. Jung tirou a expressão “arquétipo” do *Corpus Hermeticum* (II. 140. 22. Ed. Scott) assim como do livro de Dionísio Areopagita *De divinis nominibus*, cap. 2, § 6, onde se diz: “[...] aitque sanctus Pater id solvens, magis ea quae dicuntur confirmare quoniam sigillum idem est, sed diversitas confirmantium, unius ac eiusdem *primitivae formae* (thês authês kai miás archetipias), dissimiles reddit effigies”. Mas o que mais o motivou à escolha da palavra foi as *ideae principales*, de Santo Agostinho, visto que contém seu sentido e conteúdo numa cunhagem impressionante; em seu livro *Liber de divers. quaest.*, XLVI, § 2 diz Agostinho: “[...] *Sunt namque ideae principales formae quaedam, vel rationes rerum stabiles atque incommutabiles, quae ipsae formatae non sunt, ac per hoc aeternae ac semper eodem modo sese habentes, quae in divina intelligentia continentur. Et cum ipsae neque intereant; secundum eas tamen, formari dicitur omne quod oriri et interire potest, et omne quod oritur et interit. Anima vero negatur eas intueri posse, nisi rationalis [...]*”, onde “*idea principalis*”, segundo o sentido, pode ser traduzida justificadamente por “arquétipo”.

76. Em seu artigo “Der Geist der Psychologie” (in: *Eranos Jahrbuch*, 1946. Zurique: Rhein-Verlag, 1947), agora sob o título “Considerações teóricas sobre a natureza do físico” (1947). OC 8/2, § 343-424.

Frente à objeção de que o estatuto atual da ciência da natureza exclui a possibilidade de herdar propriedades adquiridas ou recordações de imagens, Jung responde: “Nesse conceito não se trata de uma ‘representação herdada’, de encaminhamentos herdados, ou seja, de um modo herdado da função psíquica, portanto, aquela maneira e modo inatos, segundo os quais a galinha provém do ovo, os pássaros constroem seus ninhos, certo tipo de vespas atinge o gânglio motor da lagarta e as enguias encontram o caminho para as Bermudas. Portanto, um *pattern of behavior*. Esse aspecto do arquétipo é o biológico; a psicologia científica é que se ocupa dele. Mas essa imagem se modifica logo por completo quando se olha a partir de dentro, ou seja, no âmbito da alma subjetiva. Aqui o arquétipo se mostra como numinoso, ou seja, como uma vivência de significado fundamental. Quando ele se reveste de símbolos correspondentes, o que nem sempre é o caso, então ele desloca o sujeito para o estado onde é tomado, cujas consequências não podem ser vistas”⁷⁹. No seguinte *diagrama XII*⁸⁰ apresenta-se a estratificação da psique em relação à atuação dos arquétipos. O âmbito de consciência está cheio dos mais heterogêneos elementos; ali, muitas vezes, os símbolos arquetípicos estão encobertos de outros conteúdos ou interrompidos em sua conexão. Através de nossa vontade podemos dirigir e dominar amplamente os conteúdos de nosso espaço da consciência; mas, contrariamente a isso, o inconsciente representa uma continuidade e ordem independentes de nós e não passível de influência, e os arquétipos formam seus centros de for-

79. Prólogo ao livro de HARDING, E. *Frauen-Mysterien (Os mistérios da mulher)* (1947). OC 18/2, § 1.228s.

80. Esse diagrama foi retirado da versão inglesa da conferência proferida por Jung em 1934/1935 na ETH.

ções e ideias arquetípicas, que sob certas circunstâncias se tornam atuantes, visíveis, abandonando seu funcionamento, que até então transcorria de forma inconsciente. O arquétipo tem, portanto, não apenas um modo de manifestação estático, como, por exemplo, num “protótipo”, mas também um modo de manifestação processual-dinâmico, como, por exemplo, na diferenciação de uma função da consciência. Na medida em que possuam uma natureza geral do ser humano e típica, todas as manifestações da vida repousam propriamente em base arquetípica, não importando se elas ocorrem no nível de ideação biológica, psicobiológica ou espiritual. Podemos até expor certa “sequência escalonada” dos arquétipos, dependendo se tornam visível uma característica pertencente a toda a humanidade, ou a um grupo maior ou menor de pessoas. Como se dá com os pais originários de uma genealogia, também os arquétipos podem gerar filhos e filhos dos filhos, sem perder sua “forma originária”.

Na medida em que os arquétipos representam reproduções de reações instintivas, isto é, psiquicamente necessárias, frente a determinadas situações, provocando um comportamento que evita a consciência através de sua disposição inata - comportamento que jaz ali no sentido de uma necessidade psíquica⁷⁷, mesmo quando, visto a partir de fora, esse nem sempre seja sentido como adequado -, no equilíbrio da economia psíquica eles desempenham uma função decisiva. Isso porque representam ou personificam certos dados instintivos da psique obscura primitiva, as raízes verdadeiras, mas invisíveis da consciência⁷⁸.

77. Cf. “Instinto e inconsciente”. OC 8/1, § 277. Mais detalhes sobre o conceito de arquétipo, cf. no artigo da autora: JACOBI. *Komplex*, p. 36ss.

78. Cf. “A psicologia do arquétipo da criança” (1940). OC 9/1, § 271.

ça e campos de força. No sentido dessas forças, os conteúdos que caem no inconsciente são submetidos a uma nova *ordem invisível*, inacessível ao conhecimento consciente, esquivam-se no caminho para eles, modificados em sua aparência e em seu significado, às vezes, de modo incompreensível. Essa ordem interior absoluta do inconsciente é a que forma nosso refúgio e auxílio nos abalos e nos incidentes casuais da vida, quando compreendemos o modo de “negociar”⁸¹ com ela. Assim se torna compreensível também que nosso inconsciente possa modificar nossa atitude consciente, revertê-la em seu contrário, quando reconhecemos, por exemplo, nos sonhos o pai idealizado como um ser humano com cabeça de animal e pernas de bode, como Zeus amedrontador, a mulher amável e dócil como Mênade etc., como demonstração do “inconsciente exortativo”, que “melhor sabe” e busca salvar alguém frente a uma falsa avaliação.

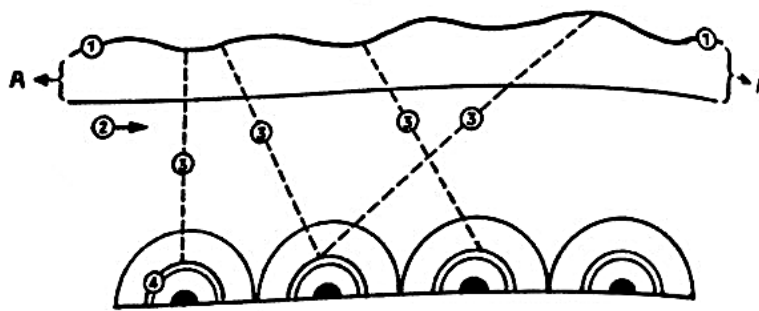
Os arquétipos se aproximam também daquilo que Platão chamou de “ideias”. Apenas que “ideias” em Platão podem ser compreendidas exclusivamente como protótipos de perfeição suprema no “sentido claro”, cujo contraposto escuro não se encontra mais retirado no mundo da eternidade, como as “ideias”, mas pertence àquele da humanidade do passado; contra isso, segundo a concepção de Jung, o arquétipo traz em si, de forma imanente, em sua estrutura bipolar, tanto o lado escuro quanto o claro.

Jung chama os arquétipos também de “órgãos da alma”⁸², ou, segundo Bergson, “*lês éternels incréés*”. “Seu núcleo in-

81. Sobre essa ordem interna foram edificados por exemplo os exercícios de Yoga e seus efeitos.

82. Cf. “Psicologia do arquétipo da criança”. OC 9/1, § 271.

Diagrama XIII



- 1 = A superfície de nossa consciência.
 2 = Esfera na qual a "ordem interna" começa a atuar.
 3 = O caminho que tomam os conteúdos quando caem no inconsciente.
 4 = Os arquétipos e seus campos de força magnética, que muitas vezes desviam os conteúdos de seu caminho, atraindo-os para si.
 AA = Zona na qual o acontecimento arquetípico se torna invisível pela ação do acontecimento exterior; o "modelo originário" é por assim dizer recoberto.

terno último" pode até ser *circunscrito*, mas não *descrito*⁸³. Isso porque, "o que quer que expressemos sobre o arquétipo não passa de ilustrações e concretizações, pertencentes à consciência"⁸⁴. E se quiséssemos procurar outras analogias deveríamos lançar mão sobretudo da "configuração" (*Gestalt* = forma) em seu sentido o mais amplo, como é entendida hoje pela psicologia da Gestalt, e que também foi adotada pela biologia⁸⁵. Os arquétipos são determinados formalmente e não

83. Op. cit., § 265.

84. "Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico". OC 8/2, § 417.

85. As relações entre "forma" e "arquétipo foram amplamente pesquisadas por K.W. Bash no artigo "Gestalt, Symbol und Archetypus" (*Schweiz. Zeitschrift für Psychologie*, 1946, V, 2). Cf. tb. as explicações correspondente no livro da autora: "Komplex, Archetypus, Symbol [...]", p. 45ss., assim como p. 62ss.

de Nietzsche que diz que "no sono e no sonho perfazemos toda a incumbência da humanidade primitiva"⁸⁷ e a palavra de Jung que diz: "a suspeita de que também na psicologia a ontogênese corresponde à filogênese é então justificada"⁸⁸. No sentido da pesquisa moderna sobre hereditariedade, levada a efeito pela corrente da Teoria das Formas (*Gestalt*), poderíamos dizer também que aquilo que é herdado, a saber, as "formas" e nosso condicionamento estruturalmente ancorado em "formas", devem ser percebidos tanto em sentido literal como também num sentido expresso de inteireza. E "a forma não precisa, propriamente, de qualquer interpretação, ela apresenta seu próprio sentido"⁸⁹.

Poderíamos identificar as representações arquetípicas como "autofigurações dos instintos" na psique, o desenrolar-se psíquico tornado imagem, como modelo originário de modos de comportamento humano. O homem aristotélico diria: Os arquétipos são representações, nascidas da experiência nos pais e mães *reais*. O homem platônico diria: Dos arquétipos só surgiram pais e mães, porque aqueles são os *protótipos*, as imagens prévias dos fenômenos⁹⁰. Para o indivíduo, os arquétipos existem *a priori*, são inerentes ao inconsciente coletivo

87. NIETZSCHE. *Menschlich-Allzumenschliches*. Vol. II, p. 27ss. (Apud *Símbolos da transformação* (1952). OC 5, § 27.

88. *Símbolos da transformação*. OC 5, § 26.

89. "Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico". OC 8/2, § 402.

90. *Kindertraumseminar* (Seminário sobre sonhos de crianças) 1936/1937 (impresso particular). Na versão reelaborada do ponto de vista redacional, hoje em: *Kinderträume*. Ed. por Lorenz Junt e Maria Meyer-Grass. Freiburg: Olten, 1987, p. 78 (enquanto a literalidade for a mesma, a seguir citado como *Kinderträume* 1936/1937, do contrário na versão original como: *Kindertraumseminar* 1936-1937 (impresso particular), sem indicação de páginas) [Edição brasileira: *Seminário sobre sonhos de crianças*. Petrópolis: Vozes, 2011].

segundo o conteúdo. "Sua forma - afirma Jung - pode ser equiparada mais ou menos com o sistema de eixos do cristal, que de certo modo forma previamente a figura do cristal na água-mãe (o arquétipo *per se*), sem possuir ele próprio uma existência material. Essa existência aparece só no modo de incorporação dos íons e depois das moléculas [...]. O sistema de eixos determina assim apenas a estrutura estereométrica, mas não a forma concreta do cristal individual [...]. E igualmente o arquétipo possui [...] é verdade, um núcleo de significado invariável, que determina seu modo de manifestação sempre apenas em princípio, mas jamais também concretamente"⁸⁶. Isso significa, portanto, que o arquétipo existe previamente e está imanente, como "sistema de eixos" no âmbito inconsciente da psique. A água-mãe, que tem de se depositar, a experiência da humanidade, apresenta as imagens, que se fixam nesse sistema de eixos e que vão se acumulando no seio do inconsciente em formas cada vez mais agudas e ricas de conteúdos. A figura, portanto, não é "gerada" ao elevar-se, mas já estava presente ali no obscuro, onde jazia desde aquela época em que enriquecia o tesouro de experiências psíquicas da humanidade em forma de uma vivência fundamental psíquica; e na medida em que se eleva para a consciência é iluminada por uma luz crescente, e vai ganhando contornos cada vez mais definidos até tornar-se plenamente visível em todas as suas particularidades. Esse processo de clarificação não tem apenas um significado individual, mas tem também importância para a humanidade em geral. Confirmam esse fato a palavra

86. "Aspectos psicológicos do arquétipo materno" (1939). OC 9/1, § 155 (A seguir citado como: Arquétipo materno). Sobre essa analogia extraordinariamente acertada, cf. "Das Kristallgitter bestimmt, welche Trachten möglich sind; die Umwelt entscheidet, welche von diesen Möglichkeiten verwirklicht werden" (J. KILLIAN. *Der Kristall*, 1937).

e por isso imunes do devir e perecer individual. "A questão de saber se a estrutura psíquica e seus elementos surgiram em determinada época ou não é própria da metafísica, e por isso não precisa de resposta da psicologia"⁹¹. "O arquétipo é metafísico, porque é transcendente à consciência"⁹², em seu ser, de acordo com Jung, pertence ao "psicoide", ou seja, ao âmbito aparentado com a psique. O arquétipo é por assim dizer "uma presença eterna, e a única pergunta a ser colocada ali é se a consciência o percebe ou não"⁹³. Pode brotar em muitas camadas e níveis, nas mais diversas constelações, em sua forma de manifestação, em sua "indumentária" adapta-se à respectiva situação, e apesar disso em sua estrutura fundamental continua o mesmo, é portanto - como uma melodia - transponível⁹⁴. Um esquema no qual, porém, estão contidos apenas alguns aspectos e formas de manifestação; por exemplo, o aspecto do "feminino", dentre os milhares possíveis, poderia demonstrar isso em seguida. A "forma" se mantém, o conteúdo se modifica.

Quanto mais simples ou indeterminado for um tema ou imagem arquetípica em sua forma, tanto mais profunda será a camada do inconsciente coletivo de onde provém, uma camada onde os símbolos estão ali presentes, *a priori*, apenas como "sistema de eixos", sem ter recebido ainda um preenchimento de conteúdo, ainda indiferenciados pela sedimentação da corrente infinita da experiência individual; portanto, precedem por assim dizer a esta. Quanto mais temporal e pessoalmente condicionado for um problema, tanto mais entrelaçada, detalhada e firmemente esboçada em seus contornos será "a

91. "Arquétipo materno". OC 9/1, § 187.

92. "Prólogo a Harding". OC 18/2, § 1.229.

93. *Psicologia e alquimia*. OC 12, § 258.

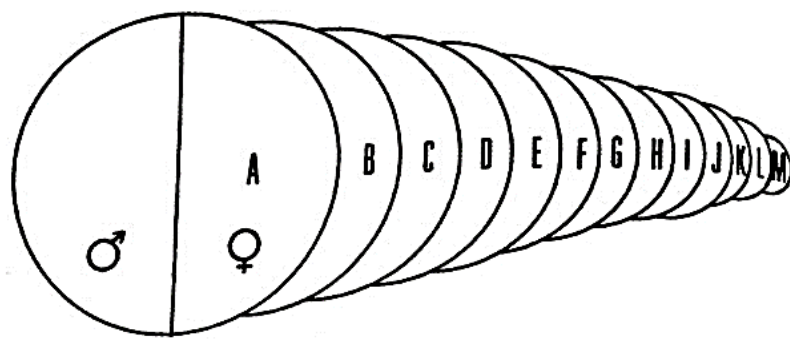
94. Também aqui poderiam ser vistas pontes para a psicologia da Gestalt.

roupagem" pela qual se expressa o arquétipo; quanto mais impessoal e geral for o conteúdo que ele deve tornar visível, tanto mais desfocada e simples será sua linguagem de apresentação - pois também o cosmos está construído sobre algumas poucas leis fundamentais simples. E assim como essas, também tal manifestação arquetípica, em sua pobreza e simplicidade, recebe potencialmente já toda multiplicidade e toda riqueza de vida e de mundo. Assim, por exemplo, o arquétipo é "mãe", no sentido estrutural-formal já mencionado, preexistente em e superior a toda forma estrutural de manifestação do "materno". É um núcleo de significado que permanece inalterável, que pode ser preenchido com todos os aspectos e símbolos do "materno". O protótipo da mãe e os traços da "grande mãe", com todas as suas propriedades paradoxais, na alma humana atual são as mesmas que as dos tempos míticos⁹⁵. A distinção do eu da "mãe" está no começo de todo e qualquer tornar-se consciente. Todavia, tornar-se consciente, ou consciencialização⁹⁶, é tornar-se mundo através da distinção. Criar consciencialização

95. Essa imagem originária se encontra na psique masculina e na psique feminina, em cada uma num nível diverso. O assim chamado complexo da mãe, em cujas pesquisas ainda estamos engatinhando, é no varão um assunto difícil e problemático, e na mulher relativamente descomplicado. Com o complexo do pai, pode então dar-se quase sempre o contrário.

96. Como é usada por Jung, a expressão "consciencialização" (*Bewusstwerdung*) significa mais do que um mero "observar", "perceber", "dar-se conta". Não possui um objeto específico e refere-se ao desenvolvimento de uma consciência mais profunda, mais ampla, mais intensa e mais aberta, capaz de apreender e processar até o fim aquilo que lhe vem ao encontro, seja do mundo exterior, seja do mundo interior. Assim, no processo analítico, a consciencialização como meta do desenvolvimento da personalidade não significa um guiar rumo ao predomínio unilateral, à agudização da consciência na vida psíquica do indivíduo, coisa que deveria ser vista como inconciliável com o equilíbrio psíquico e a saúde da psique. Não se trata, portanto, de uma "consciência" no sentido comum do emprego usual da linguagem nem se trata daquele âmbito da psique, guiado e dominado pelo racional, mas,

Diagrama XIV



A sequência de desenvolvimento do "arquétipo do feminino"

♂ ♀ = as duas esferas do começo originário, que poderíamos nos representar "de dois sexos":
♂ = o arquétipo do masculino
♀ = o arquétipo do feminino

A = a noite do âmbito inconsciente, o que concebe etc.
B = o mar, a água etc.
C = a terra, a montanha etc.
D = a floresta, o vale etc.
E = a caverna, o submundo, as profundezas etc.
F = o dragão, a baleia, a aranha etc.
G = a bruxa, a fada, a virgem divina, a princesa dos contos etc.
H = a casa, a caixa, a cesta etc.
I = a rosa, a tulipa, a vagina etc.
J = a vaca, a gata etc.
K = os ancestrais
L = a avó
M = a própria mãe (a imagem deve ser separada do arquétipo que lhe serve de anteparo anterior, a fim de poder ser vista como ser humano que ela própria é.)

A massa dos arquétipos forma o verdadeiro conteúdo do inconsciente coletivo. Seu número é relativamente limitado, pois corresponde "às possibilidades das vivências fundamen-

cialidade, formular ideias, isso é o princípio paterno do *logos*, que numa luta infinita se arranca das trevas originárias do seio materno, do reino do inconsciente. No princípio ambos eram um, e jamais um poderá ser sem o outro, assim como a luz seria privada de seu sentido num mundo no qual o escuro não lhe estivesse contraposto. "O mundo só persiste porque seus contrários mantêm o equilíbrio"⁹⁷.

Na linguagem do inconsciente, que é uma linguagem em imagens, os arquétipos aparecem em forma de imagem personificada ou simbólica. "O que sempre expressa um conteúdo arquetípico é de princípio *parábola linguística*. Quando fala de sol, por exemplo, identificando-o com o leão, o rei, o tesouro de ouro guardado pelo dragão e a força de vida ou 'força da saúde' do ser humano, então não se trata nem de um nem de outro, mas de um terceiro desconhecido, que pode ser mais ou menos expresso através de todas essas comparações, mas que - coisa que continuará sendo uma molestação para o intelecto - permanece desconhecido e sem formulação [...] em momento algum devemos nutrir ilusão de poder, finalmente, esclarecer e assim resolver um arquétipo. Mesmo a melhor tentativa de esclarecimento não passa de uma tradução, mais ou menos bem-sucedida, do mesmo, numa outra linguagem de imagens"⁹⁸.

ao contrário, de uma espécie de "consciência superior", que sustenta tanto a relação com os conteúdos psíquicos do eu quanto, ao mesmo tempo, sua ligação com o inconsciente. Essa "consciência superior" poderia ser designada também ainda melhor como "consciência mais profunda e mais ampla", uma vez que sua ampliação e elevação surgiram através de uma geração e pela manutenção de uma ligação firmemente fundamentada e sem atritos com as profundezas do inconsciente, repousando sobre essa.

97. "Arquétipo materno". OC 9/1, § 174.

98. "Arquétipo da criança". OC 9/1, § 271.

tais típicas", que o ser humano já experimentou desde os primórdios. Seu sentido para nós reside precisamente naquela "experiência originária" que apresentam e comunicam. Os temas das imagens arquetípicas são os mesmos em todas as culturas, e correspondem à parte estrutural do ser humano condicionada filogeneticamente. Podemos reencontrá-los em todas as mitologias, contos, tradições e mistérios religiosos. O que é o mito da "viagem noturna pelo mar", o mito do "herói andarilho" ou do "dragão-baleia", se não nosso eterno saber, tornado imagem, do sol que se põe e do seu ressurgimento? Prometeu, que rouba o fogo, Hércules que mata o dragão, os inúmeros mitos da criação, o pecado original, os mistérios de sacrifício, o nascimento da virgem, a insidiosa traição do herói, o despedaçamento de Osíris e muitos outros mitos e contos representam de forma simbólico-imagética processos psíquicos. Igualmente as figuras da serpente, do peixe, da esfinge, dos animais prestativos, da árvore do mundo, da grande mãe, e não é diferente com o príncipe encantado, o *puer aeternus*, o mágico, o sábio, o paraíso etc. representam determinados temas e conteúdos do inconsciente coletivo⁹⁹. Em toda

99. Também no fundo originário de teorias de diversos pensadores, e de modo especial dos psicólogos, podemos reconhecer um arquétipo predominante. Quando Freud vê o fundamento e o começo de todo acontecer na sexualidade, Adler, na busca de poder, também essas são ideias que dão expressão a um arquétipo, como podemos encontrá-las também nos velhos filósofos ou nas representações gnósticas alquimistas. Também a teoria de Jung toma pé num arquétipo, que vem expresso de modo especial como "tetrassomia", a quádrupla corporalidade - cf. a Teoria das Quatro Funções, o arranjo em imagem do quatro, a orientação segundo as quatro direções celestes etc. Podemos observar com frequência o número quatro no arranjo dos conteúdos dos sonhos. É bem provável que se possa esclarecer a difusão universal e o significado mágico da cruz ou do círculo quadripartite também a partir da propriedade arquetípica da tétrade ("Símbolos oníricos". OC 12, § 189). Ao lado do número três, que também é a expressão de um arquétipo, sendo

e cada psique individual podem despertar vida nova, exercer seu efeito mágico, condensando-se numa espécie de "mitolo-

visto, desde há muito, sobretudo na religião cristã, como símbolo do "espírito abstrato puro", Jung propõe o número quatro como um arquétipo extremamente significativo para a psique. Com o quarto elemento, o "espírito puro" recebe sua "corporalidade", e assim uma forma de aparecimento adequada à criação física. Ao lado do espírito masculino, que representa meramente uma metade do mundo, como princípio paterno, o quatro compreende também o aspecto corpóreo feminino em si, como seu polo contrário, que arredonda o primeiro num conjunto inteiro. Assim também na simbologia da maioria das culturas, os números ímpares são vistos como símbolos do masculino, e os pares como símbolos do feminino. Poderíamos nos representar (sobre o que K.W. Bach me chamou a atenção) que ali haveria um nexo interno com o fato de que no macho, por assim dizer de toda e qualquer espécie (também nos seres humanos), o número de cromossomos é ímpar, enquanto que na fêmea é par. Jung diz: "é um *lusus naturae* raro que a principal matéria-prima química do organismo corpóreo é o carbono, que vem caracterizado por quatro valências; sabe-se que também o 'diamante' é um cristal de carbono. O carbono é preto, o diamante a 'mais clara das águas' [...]. Tal tipo de analogia seria de um mau gosto intelectual lamentável se no fenômeno do quatro se tratasse de uma mera invenção da consciência e não de uma produção espontânea do psíquico-objetivo, do inconsciente" ("Símbolos oníricos". OC 12, § 327). Talvez possa ser considerado mais que um simples acaso o fato de, numa época em que no âmbito das ciências da natureza, sobretudo da física moderna, em virtude de descobertas revolucionárias, estar ocorrendo a transição do "pensamento tridimensional" para o "quadridimensional", e a mais moderna corrente da psicologia do profundo, a psicologia analítica de C.G. Jung, ter escolhido o arquétipo do quatro como conceito estrutural central de sua teoria. Assim como foi necessário que a física moderna introduzisse o tempo como quarta dimensão, a fim de poder alcançar uma visão que abraça a totalidade, e assim como essa dimensão nos parece algo essencialmente distinto frente às três conhecidas dimensões do espaço, também a função "inferior", a quarta função, é "a função totalmente distinta", totalmente contraposta à consciência e, apesar de sua inclusão e diferenciação - como o fato de na física se levar em consideração o tempo -, torna-se indispensável para um modo de consideração integral do psíquico. Já meramente por esse novo e fundamental aspecto e pelas consequências daí decorrentes na concepção e trato da psique, a psicologia junguiana se enquadra no rol daquelas ciências que estão em vias de modificar desde o fundamento a imagem de mundo que se divulga até o presente, e edificar de novo uma imagem de mundo vindouro, segundo princípios orientadores comuns.

até o presente não contemplados ou até negados, estranhos e em geral designados como "acazos". Ele chama de *sincronicidade* (ao contrário de sincronismo ou simultaneidade) a um princípio de esclarecimento que suplementa a causalidade, definindo-o como "coincidência temporal de dois ou mais acontecimentos não referidos causalmente um ao outro, tendo um conteúdo de sentido igual ou parecido"¹⁰¹, como por exemplo podem ser vivenciados com significado na forma de uma convergência de percepções interiores (pressentimentos, sonhos, visões, ocorrência de ideias etc.) com acontecimentos exteriores, não importando se esses se encontram no passado, no presente ou no futuro. Na sincronicidade está em questão em primeira linha um "fator formal", um "conceito empírico", que postula um princípio necessário para um conhecimento abrangente, anexando-se "como quarto elemento à tríade reconhecida de espaço, tempo e causalidade"¹⁰². Jung explica o estabelecer-se de tais fenômenos de sincronicidade através de um "saber *a priori* presente e atuante no inconsciente", que repousa numa ordem de correspondência do micro com o macrocosmo, inacessível ao nosso arbítrio, na qual os arquétipos detêm a função das operações que estabelecem o arranjo. Na coincidência de sentido de uma imagem interior com um acontecimento exterior, que perfaz a essência dos fenômenos sincrônicos, revela-se tanto o aspecto físico-corpóreo do arquétipo quanto seu aspecto espiritual. É o arquétipo também que, através de sua elevada carga de energia e seu efeito numinoso, provoca naquele que a vivencia aquela forte

101. *Sincronicidade: um princípio de relações acausais* (1952). OC 8/3, § 849 (A seguir, abreviado por *Sincronicidade*).

102. Op. cit., § 948.

gia individual"¹⁰⁰, a qual apresenta um paralelo impressionante com as grandes mitologias da tradição de todos os povos e tempos e, em seu devir, como que torna visível igualmente o surgimento, a essência e o sentido daquelas, mostrando-as numa iluminação aprofundada.

O montante dos arquétipos, portanto, significa para Jung o montante de todas as possibilidades latentes da psique humana: um material gigantesco, inesgotável de saber primitivo sobre os nexos de ligação mais profundos entre Deus, homem e cosmos. Perscrutar esse material na psique própria, despertá-lo para nova vida, integrando-o na consciência, significa nada menos do que suspender a solidão do indivíduo, articulando-o no decurso do acontecer eterno. E assim, o que se indicou aqui, torna-se mais que conhecimento e psicologia. Torna-se teoria ou doutrina e caminho. O arquétipo, como fonte originária de todo o conjunto da experiência humana, encontra-se no inconsciente, a partir de onde intervém com poder em nossa vida. Torna-se então tarefa e dever dissolver suas projeções, elevando seu conteúdo à consciência.

Jung apontou para um aspecto especialmente carregado de significados na atuação dos arquétipos, como último fruto de suas pesquisas, em seus estudos sobre "Sincronicidade como princípio de conexões acausais". Com isso, lançou nova luz sobre os fenômenos da ESP (Extra-Sensory Perception), até o momento cientificamente explicitáveis de forma bastante insatisfatória, fenômenos como telepatia, clarividência, assim chamados "milagres", transformando em objeto de observação e investigação científica os acontecimentos e vivências

100. Essa expressão foi cunhada e empregada pela primeira vez por K. Kerényi em seu escrito "Über Ursprung und Gründung in der Mythologie". *Einführung in das Wesen der Mythologie* (Amsterdam, 1941, p. 36).

emocionalidade, ou o transfere para um *abaissement du niveau mental* parcial, que forma o pressuposto para o surgimento e a experimentação de tais fenômenos de sincronicidade. Pode-se até afirmar, com Jung: "O arquétipo é a forma reconhecível pela introspecção do estar psiquicamente submetido a uma ordenação apriórica"¹⁰³. A partir desse ponto, uma série de novos questionamentos se torna atual e aguarda pelo aprofundamento das pesquisas e discussões.

"Arquétipos eram e são poderes psíquicos de vida, que querem ser levados a sério e de modo estranho também cuidam para se imporem. Sempre foram os que traziam proteção e salvação, e feri-los teve como consequência o *perils of the soul*, bastante conhecido da psicologia dos primitivos. São também os que infalivelmente provocam as perturbações neuróticas e até psicóticas, na medida em que se comportam como órgãos do corpo ou sistemas de funcionamento orgânicos negligenciados ou maltratados"¹⁰⁴.

Não é por acaso que as imagens e vivências arquetípicas pertenceram desde os primórdios a todas as religiões de nossa Terra como o conteúdo e o mais precioso bem. E, apesar de terem recebido uma estruturação dogmática diversificada e terem sido despidos de sua forma originária, ainda hoje atuam na psique, especialmente ali onde a fé religiosa ainda está viva no ser humano, com todo poder elementar de seu conteúdo prenhe de sentido, trate-se do símbolo do Deus que morre e ressuscita, do mistério da concepção sem pecado no cristianismo, do véu de Maia nos hindus ou da oração voltada para o Oriente dos maometanos. É só ali onde a fé e o dogma

103. *Ibid.*, § 955.

104. "Arquétipo da criança". OC 9/1, § 266.

se enrijeceram, tornando-se formas vazias - e este é o caso na maior parte de nosso mundo ocidental, altamente civilizado e tecnificado, dominado pela *ratio* - que elas também perderam sua força mágica, entregando, abandonando o ser humano, sem solo e desamparado, à iniquidade de fora e de dentro.

O sentido e a meta da orientação psíquica de Jung é ajudar o homem moderno a superar sua solidão e sua confusão, possibilitando sua inserção na grande corrente da vida e auxiliando-o a alcançar, pelo saber e pela vontade, uma inteireza, que religue seu lado claro da consciência com seu inconsciente escuro.

*

Uma das tarefas principais deste livro - e um instrumento e recurso de que lança mão Jung - é mostrar esse caminho. Todavia, para compreender todos os pressupostos, é preciso abordar brevemente ainda, primeiro, a segunda parte da teoria, a "dinâmica da psique".

